

gorbachev
a biografia
william taubman

Tradução de Luís Santos

À JANE

e aos nossos netos: Milo, Jacob e Nora



ÍNDICE

Nota do autor	11
Personagens	15
Introdução: «Gorbachev É Difícil de Compreender»	29
Capítulo 1: Infância, Adolescência e Juventude: 1931–1949	35
Capítulo 2: Universidade Estatal de Moscovo: 1950–1955	67
Capítulo 3: Ascensão: 1955–1968	103
Capítulo 4: Líder Regional do Partido: 1969–1978	146
Capítulo 5: Regresso a Moscovo: 1978–1985	184
Capítulo 6: O Que Fazer? 1985–1986	230
Capítulo 7: Subida ao Palco Mundial:	
Março 1985–Dezembro 1986	277
Capítulo 8: Dois Escorpiões Numa Garrafa: 1987	332
Capítulo 9: Quem Tem Medo de Nina Andreyeva? 1988	362
Capítulo 10: Antes da Tempestade: 1987–1988	400
Capítulo 11: Inúmeras Cimeiras: 1987–1988	417
Capítulo 12: 1989: Triunfo e Problemas em Casa	451
Capítulo 13: 1989: Triunfo e Problemas no Estrangeiro	486
Capítulo 14: Colapso? 1990	524
Capítulo 15: Recuperação? 1990	562
Capítulo 16: A Caminho do Golpe: Janeiro-Agosto 1991	596
Capítulo 17: O Golpe: Agosto 1991	623
Capítulo 18: Os Últimos Dias: Agosto-Dezembro 1991	641
Capítulo 19: Sem Poder: 1992–2016	671
Conclusão: Compreender Gorbachev	707

Glossário	713
Abreviaturas	715
Notas	717
Bibliografia	785
Agradecimentos	807
Índice remissivo	811

NOTA DO AUTOR

TRÊS QUESTÕES — QUANTO aos rótulos políticos, aos registos dos encontros do Politburo do partido comunista, e à transliteração da língua russa — merecem uma atenção especial.

Durante os anos de Gorbachev no poder tornou-se prática corrente para os observadores soviéticos (bem como para os ocidentais) rotular os adversários como sendo de esquerda e de direita. Os elementos da linha dura do partido comunista, das forças armadas, da polícia de segurança, entre outros, que se opuseram às reformas de Gorbachev foram chamados de direita. Os democratas, sobretudo os democratas radicais que incitaram Gorbachev a apressar-se com a criação de uma economia de mercado, eram tidos como esquerdistas. Claro que, tendo em conta a forma como tais epítetos são normalmente usados fora da URSS — com os comunistas a serem descritos como de esquerda e os verdadeiros crentes na economia de mercado a serem vistos como de direita —, o uso de tais rótulos no presente livro seria enganador. Assim sendo, de um modo geral referi-me aos indivíduos que se opuseram às reformas como sendo elementos da linha dura ou conservadores (pese embora o facto de este termo poder também ser confuso), e aos que criticaram Gorbachev pelo seu avanço demasiado lento como sendo radicais ou, no caso de a sua posição ser mais moderada, liberais.

A partir de 1966 começaram a fazer-se transcrições oficiais (*rabochie zapisi*) das reuniões do Politburo, inicialmente com base nos apontamentos tirados pelo líder do departamento geral do Comité Central do partido comunista e, mais tarde, por estenógrafos profissionais. Quando Gorbachev era secretário-geral do partido, os seus adidos Anatoly Chernyaev, Georgy Shakhnazarov e Vadim Medvedev, com os primeiros dois a assistir às reuniões do Politburo sem direito a intervenção, também tiraram apontamentos pormenorizados. Muitos dos relatos destes adidos estão disponíveis no arquivo da Fundação Gorbachev (*Gorbachev Fond*) em Moscovo. Bastantes

transcrições «oficiais» foram igualmente disponibilizadas, encontrando-se muitas delas numa antologia chamada *Fond 89*, tornada pública em 1992 pelo então presidente russo Boris Yeltsin. Os documentos *Fond 89* no Arquivo Estatal Russo de História Contemporânea (RGANI) em Moscovo foram subsequentemente microfilmados pela Hoover Institution da Universidade de Stanford. A Coleção Dmitry Volkogonov na Biblioteca do Congresso contém a seleção pessoal de Volkogonov de transcrições do Politburo. O Arquivo de Segurança Nacional (NSA), em Washington, onde realizei grande parte do meu trabalho, possui transcrições do *Fond 89* e da Coleção Volkogonov, bem como outros documentos do Politburo reunidos pelos funcionários do arquivo. Segundo apurei, as transcrições oficiais e os apontamentos dos adidos de Gorbachev das reuniões do Politburo não divergem substancialmente quando se referem às mesmas conversas, mas as transcrições oficiais são mais longas, uma vez que, tal como é óbvio, os apontamentos dos adidos de Gorbachev dedicam uma atenção particularmente pormenorizada às suas palavras. As transcrições oficiais prestam mais atenção a outros membros do Politburo, alguns deles críticos de Gorbachev, porventura também influenciadas pelo homem que supervisionava a preparação destas transcrições, Valery Boldin, o adido de Gorbachev cada vez mais desiludido com o seu superior¹.

Ambos os conjuntos de registos do Politburo são citados no presente livro. A menos que surja indicação em contrário, presume-se que os documentos citados a partir da coleção READD-RADD no Arquivo de Segurança Nacional sejam transcrições oficiais, ao passo que os documentos lidos no Arquivo da Fundação Gorbachev (AFG) são apontamentos tirados por Chernyaev, Shakhnazarov ou Medvedev, os quais surgem referidos nas notas finais deste livro sempre que os apontamentos lhes são atribuídos nos documentos. As fontes e outros registos que cito a partir de outros livros, entre eles os (até agora) vinte e seis volumes dos trabalhos completos de Gorbachev, *Sobranie sochinenii*, e outras antologias de documentos publicadas na Rússia e no Ocidente, encontram-se identificados nesses livros.

Existem vários sistemas de transliteração da língua russa. Ao longo do texto do presente livro emprego uma transliteração que será familiar ou acessível aos leitores não russos e que transmite o som do russo. Contudo, sempre que cito material russo específico emprego o sistema de transliteração da Biblioteca do Congresso, usado amiúde em catálogos bibliográficos. Assim, por exemplo, embora Anatoly Chernyaev, um dos mais antigos e

chegados adidos de Gorbachev, surja dessa forma no texto, quando me refiro às suas publicações em russo utilizo o nome Anatolii Cherniaev.

Durante o período abrangido pelo grosso deste livro, a Ucrânia fazia parte da União Soviética. Nessa altura, no discurso oficial e, amiúde, não oficial, eram usadas as versões russas dos antropónimos e dos topónimos ucranianos. Por esse motivo, e para evitar a confusão do leitor, emprego as versões russas — salvo no que diz respeito ao material publicado depois de a Ucrânia se tornar um estado independente.

PERSONAGENS

- ABALKIN, LEONID** Economista, presidente-adjunto do Conselho de Ministros da URSS, 1990–1991.
- ABULADZE, TENGIZ** Realizador georgiano do filme *Arrependimento*.
- ADAMOVICH, ALES** Autor e crítico bielorrusso que serviu como deputado do Soviete Supremo da URSS após 1989.
- AFANASYEV, VIKTOR** Editor-chefe do *Pravda*, 1976–1989.
- AFANASYEV, YURI** Deputado do povo da URSS, copresidente do Grupo Inter-regional de Deputados, 1989–1991.
- AITMATOV, CHINGIZ** Autor soviético e quirguiz.
- AKHMATOVA, ANNA** Afamada poetisa russa (1889–1966).
- AKHROMEYEV, SERGEI** Marechal da União Soviética; chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Soviéticas, 1984–1988; conselheiro militar de Gorbachev, 1988–1991.
- ALEKSANDROV-AGENTOV, ANDREI** Conselheiro político externo dos secretários-gerais do partido comunista desde Brezhnev e Gorbachev, 1966–1986.
- ALIEV, GEIDAR** Primeiro-secretário do partido comunista do Azerbaijão, 1969–1982; primeiro-presidente-adjunto do Conselho de Ministros da URSS, 1982–1987; membro do Politburo, 1982–1987.
- ALLISON, GRAHAM** Professor da Kennedy School of Government da Universidade de Harvard.
- ANDREOTTI, GIULIO** Ministro dos negócios estrangeiros italiano, 1983–1989; primeiro-ministro, 1989–1992.
- ANDREYEVA, NINA** Professora de química e membro do partido comunista que em 1988 escreveu um artigo no *Sovetskaya Rossiia* em que acusava Gorbachev de ir longe de mais com as suas reformas.
- ANDROPOV, YURI** Secretário-geral do CC PCUS, novembro 1982/fevereiro 1984; presidente do KGB, maio 1967–maio 1982.

ARBATOV, GEORGY Fundador e presidente do Instituto da Academia de Ciências para Estudos Americanos e Canadianos, 1967-1995; membro do Comité Central; deputado do Soviete Supremo da URSS, 1985-1991; conselheiro chegado de Andropov e Gorbachev.

BAKATIN, VADIM Ministro do interior, 1988-1990; membro do Conselho Presidencial, 1990-1991; presidente do KGB, setembro-novembro 1991.

BAKER, JAMES, III Secretário de estado de George H. W. Bush, 1989-1992; chefe de gabinete da Casa Branca de Reagan, 1981-1985; secretário do tesouro, 1985-1988.

BAKLANOV, GRIGORY Escritor russo.

BAKLANOV, OLEG Participante no golpe de agosto de 1991; secretário do Comité Central responsável pelas questões militares-industriais, 1988-1991; ministro do Edifício de Máquinas Gerais, 1983-1988.

BEKOVA, ZOYA Colega de Gorbachev na Universidade Estatal de Moscovo.

BIKKENIN, NAIL Funcionário do Comité Central.

BILAK, VASIL Líder comunista eslovaco.

BILLINGTON, JAMES Bibliotecário do Congresso americano, 1987-2015.

BLACKWILL, ROBERT Assistente especial do presidente George H. W. Bush para questões de segurança nacional, 1989-1991.

BOGOLYUBOV, KLAVDY Líder do departamento geral do Comité Central, 1982-1985.

BOGOMOLOV, OLEG Economista, conselheiro de Andropov e Gorbachev; diretor do Instituto de Economia do Sistema Socialista Mundial.

BOLDIN, VALERY Participante no golpe de agosto de 1991; conselheiro de Gorbachev, 1982-1991; líder do departamento geral do Comité Central, 1987-1991; membro do Conselho Presidencial, 1990-1991; chefe de gabinete presidencial, 1990-1991.

BONDAREV, YURI Escritor russo.

BONNER, ELENA Esposa de Andrei Sakharov.

BOVIN, ALEKSANDR Consultor de política externa dos secretários-gerais do partido comunista.

BRAITHWAITE, RODRIC Embaixador britânico na União Soviética, 1988-1991.

BRAZAUSKAS, ALGIRDAS Primeiro-secretário do partido comunista lituano, 1988-1989; presidente do Presídio do Soviete Supremo lituano, 1990.

BREZHNEV, LEONID Secretário-geral do PCUS, outubro 1964-novembro 1982.

BROVIKOV, VLADIMIR Presidente do Conselho de Ministros bielorrusso, 1983-1986; embaixador na Polónia, 1986-1990.

BRUTENTS, KAREN Primeiro-chefe-adjunto do departamento internacional do

- Comité Central, 1986-1991; diretor-adjunto do departamento internacional, 1976-1986.
- BRZEZINSKI, ZBIGNIEW** Conselheiro para a segurança nacional do presidente Jimmy Carter, 1977-1981.
- BUDYKA, ALEKSANDR e LYDIA** Amigos chegados dos Gorbachevs em Stavropol e Moscovo.
- BURLATSKY, FYODOR** Editor do *Literaturnaya gazeta*.
- BUSH, GEORGE H. W.** Presidente americano, 1989-1993.
- CARTER, JIMMY** Presidente americano, 1977-1981.
- CEAUȘESCU, NICOLAE** Secretário-geral do partido comunista romeno, 1965-1989; presidente da Roménia, 1967-1989.
- CHAZOV, YEVGENY** Ministro da saúde da URSS, 1987-1990; médico chefe do Kremlin.
- CHEBRIKOV, VIKTOR** Presidente do KGB, 1982-1988; secretário do Comité Central, 1988-1989; membro do Politburo, 1985-1989.
- CHENEY, DICK** Secretário da defesa de George H. W. Bush, 1989-1992.
- CHERNENKO, KONSTANTIN** Secretário-geral do PCUS, fevereiro 1984-março 1985.
- CHERNYAEV, ANATOLY** Adido chegado de Gorbachev a partir de 1986; principal conselheiro para a política externa; chefe do grupo de consultores do departamento internacional do Comité Central, 1961-1986; membro do Comité Central, 1986-1991.
- CHIKIN, VALENTIN** Editor do *Sovetskaya Rossiia*.
- CHIRAC, JACQUES** Primeiro-ministro francês, 1986-1988.
- CLINTON, BILL** Presidente americano, 1993-2001.
- CZYREK, JÓZEF** Principal adido do presidente e secretário-geral do partido comunista polaco Wojciech Jaruzelski.
- DANIUSHEVSKAYA, GALINA** Colega de Gorbachev na MGU.
- DE MICHELIS, GIANNI** Ministro dos negócios estrangeiros italiano, 1989-1992.
- DEMICHEV, PYOTR** Candidato a membro do Politburo, 1965-1988; ministro da cultura soviético, 1974-1986.
- DOBRYNIN, ANATOLY** Embaixador soviético em Washington, 1962-1986; chefe do departamento internacional do Comité Central, 1986-1988.
- DOLGIKH, VLADIMIR** Secretário do Comité Central, 1972-1988; membro do Politburo, 1982-1988.
- DOLINSKAYA, LIUBOV** Vizinha dos Gorbachevs em Stavropol.
- DUBCĚK, ALEXANDER** Primeiro-secretário do partido comunista checoslovaco durante e imediatamente após a Primavera de Praga, janeiro 1968-abril 1969.

DUBININ, LIANA Esposa do embaixador soviético em Washington.

DUBININ, YURI Embaixador soviético em Washington, 1986-1990.

ESTALINE, JOSÉ (TAMBÉM IOSIF DZHUGASHVILI) Sucessor de Lenine enquanto líder comunista da União Soviética em 1922; morreu durante o cargo, em 1953.

FALIN, VALENTIN Chefe do departamento internacional do Comité Central, 1988-1991; secretário do Comité Central, 1990-1991; embaixador soviético na República Federal Alemã, 1970-1978.

FROLOV, IVAN Conselheiro de Gorbachev, 1987-1989; editor-chefe do *Pravda*, 1989-1991; secretário do Comité Central, 1989-1990; membro do Politburo, 1990-1991.

GANDHI, RAJIV Primeiro-ministro indiano, 1984-1989.

GATES, ROBERT Diretor da CIA, 1991-1993; conselheiro-adjunto para a segurança nacional, 1989-1991; diretor-adjunto da CIA, 1986-1989.

GENERALOV, VYACHESLAV Diretor-adjunto do directorado n.º 9 do KGB, responsável pela segurança de Gorbachev.

GENSCHER, HANS-DIETRICH Ministro dos negócios estrangeiros e vice-chanceler alemão, 1974-1992.

GERASIMOV, GENNADY Porta-voz para a imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético.

GOLOVANOV, DMITRY Colega de Gorbachev na MGU.

GONCHENKO, ALEKSEI Redator de discursos de Gorbachev em Stavropol.

GONZÁLEZ, FELIPE Primeiro-ministro espanhol, 1982-1996.

GOPKALO, PANTELEI Avô materno de Gorbachev.

GOPKALO, VASILISA Avó materna de Gorbachev.

GORBACHEV, ALEKSANDR Irmão de Mikhail Gorbachev.

GORBACHEV, ANDREI Avô paterno de Gorbachev.

GORBACHEV, MARIA Mãe de Gorbachev.

GORBACHEV, SERGEI Pai de Gorbachev.

GORBACHEV, STEPANIDA Avó paterna de Gorbachev.

GORBACHEV, RAISA Esposa de Gorbachev.

GRACHEV, ANDREI Porta-voz para a imprensa de Gorbachev, 1991; chefe-adjunto do departamento internacional do Comité Central, 1989-1991; chefe de secção do departamento de informação internacional do Comité Central, 1986-1989; biógrafo de Gorbachev.

GRANIN, DANIIL Autor soviético e deputado do povo da URSS depois de 1989.

GRISHIN, VIKTOR Primeiro-secretário do comité do partido comunista da cidade de Moscovo, 1967-1985; membro do Politburo, 1971-1986.

GROMYKO, ANDREI Ministro dos negócios estrangeiros soviético, 1957-1985; presidente do Presídio do Soviete Supremo, 1985-1988; membro do Politburo, 1973-1988.

GRÓSZ, KÁROLY Secretário-geral do partido comunista húngaro, 1988-1989; primeiro-ministro, 1987-1988.

GURENKO, STANISLAV Primeiro-secretário do partido comunista ucraniano, 1990-1991.

GUSENKOV, VITALY Principal adido de Raisa Gorbachev; diplomata soviético em Paris na década de 1970.

HAVEL, VÁCLAV Autor checo, dissidente; presidente checoslovaco, 1989-1992.

HONECKER, ERICH Secretário-geral do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha (de Leste), 1971-1989.

HOWE, SIR GEOFFREY Secretário dos negócios estrangeiros britânico, 1982-1989.

HURD, DOUGLAS Secretário dos negócios estrangeiros britânico, 1989-1995.

HUSÁK, GUSTÁV Presidente da Checoslováquia, 1975-1989; secretário-geral do partido comunista checoslovaco, 1969-1987.

IGNATENKO, VITALY Editor do *Novoe vremia*, 1986-1990; assistente e depois diretor de imprensa do presidente Gorbachev, 1990-1991.

IVASHKO, VLADIMIR Primeiro-secretário do partido comunista ucraniano, 1990; adjunto do secretário-geral Gorbachev, 1991.

JAKEŠ, MILOŠ Secretário-geral do partido comunista checoslovaco, 1987-1989.

JARUZELSKI, WOJCIECH Presidente da República da Polónia, 1989-1990; primeiro secretário do POU, 1981-1989; primeiro-ministro polaco, 1981-1985.

KÁDÁR, JÁNOS Secretário-geral do partido comunista húngaro, 1956-1988.

KAGANOVICH, LAZAR Companheiro próximo de Estaline; rival de Khrushchev.

KALYAGIN, VIKTOR Líder de partido distrital rural perto de Stavropol.

KARAGODINA, YULIA Amiga de infância e apaixonada de Gorbachev em Privolnoye.

KARMAL, BABRAK Líder comunista do Afeganistão, 1979-1986.

KAZNACHEYEV, VIKTOR Companheiro de Gorbachev e deputado em Stavropol.

KHASBULATOV, RUSLAN Primeiro-presidente-adjunto do Soviete Supremo da RSFSR, 1990-1991; presidente do Soviete Supremo da RSFSR, 1991-1993.

KHRUSHCHEV, NIKITA Primeiro-secretário do PCUS, 1953-1964; presidente do Conselho de Ministros, 1954-1964.

KIRILENKO, ANDREI Membro do Politburo, 1962-1982.

KISSINGER, HENRY Secretário de estado americano, 1973-1977; conselheiro para a segurança nacional, 1969-1975.

KOCHEMASOV, VYACHESLAV Embaixador soviético na RDA, 1983-1990.

KOHL, HELMUT Chanceler alemão, 1990-1998; chanceler da República Federal Alemã, 1982-1990.

KOLBIN, GENNADY Primeiro-secretário do partido comunista do Cazaquistão, 1986-1989.

KOLCHANOV, RUDOLF Colega de Gorbachev na MGU.

KORNIENKO, GEORGY Primeiro-ministro dos negócios estrangeiros-adjunto da URSS, 1977-1986; primeiro-chefe-adjunto do departamento internacional do CC do PCUS, 1986-1988.

KOROBEGINIKOV, ANATOLY Redator de discursos de Gorbachev em Stavropol.

KOSYGIN, ALEKSEI Presidente do Conselho de Ministros soviético, 1964-1980; membro do Politburo, 1948-1952, 1960-1980.

KOVALEV, ANATOLY Ministro dos negócios estrangeiros-adjunto da URSS, 1986-1991.

KRAVCHENKO, LEONID Presidente da Radiotelevisão Soviética, 1990-1991; chefe da Agência de Telégrafos Soviética, 1989-1990; primeiro-presidente-adjunto do Comité de Estado da URSS para a Televisão e para a Rádio, 1985-1988.

KRAVCHUK, LEONID Presidente da Ucrânia, 1991-1994; presidente do Soviete Supremo da RSS da Ucrânia, 1990-1991.

KRENZ, EGON Secretário-geral do Partido Socialista Unificado da RDA, outubro 1989-dezembro 1989.

KRIUCHKOV, VLADIMIR Líder do golpe de agosto de 1991; presidente do KGB, 1988-1991; membro do Politburo, 1989-1991.

KULAKOV, FYODOR Primeiro-secretário do comité do partido de Stavropol, 1960-1964; secretário do Comité Central, 1965-1978; membro do Politburo, 1971-1978.

KUNAYEV, DINMUKHAMED Primeiro-secretário do partido comunista do Cazaquistão, 1964-1986.

KVITSINSKY, YULI Embaixador soviético na Alemanha Ocidental, 1986-1990.

LANINA, OLGA, E TAMARA ALEKSANDROVA Secretárias de Anatoly Chernyaev.

LAPTEV, IVAN Editor do *Izvestiia*, 1984-1990; presidente do Conselho da União do Soviete Supremo da URSS, 1990-1991.

LATSIS, OTTO Investigador no Instituto de Economia do Sistema Socialista Mundial, 1975-1986; jornalista, 1986-1991.

LEBED, ALEKSANDR General soviético; candidato à presidência da Rússia em 1996.

LENINE, VLADIMIR Principal organizador da Revolução Bolchevique em 1917;

líder da República Socialista Federativa Soviética da Rússia, 1917–1922, e da União Soviética entre 1922 e a data da sua morte, em 1924.

LEVADA, YURI Colega de Raisa Gorbachev na MGU; sociólogo russo.

LYAKISHEVA, NINA Colega de Raisa Gorbachev na MGU.

LIBERMAN, VOLODYA Colega de Gorbachev na MGU.

LIGACHEV, YEGOR Membro do Politburo, 1985–1990; secretário do Comité Central, 1983–1990; primeiro-secretário do comité regional de Tomsk, 1965–1983.

LIKHACHEV, DMITRY Erudito russo; deputado do povo da URSS.

LUKYANOV, ANATOLY Presidente do Soviete Supremo da URSS, 1990–1991; secretário do Comité Central, 1987–1988; acusado de participação no golpe de agosto de 1991.

MALENKOV, GEORGY Companheiro de Estaline; rival de Khrushchev.

MAMARDASHVILI, MERAB Colega de Raisa Gorbachev na MGU; filósofo soviético.

MASLYUKOV, YURI Presidente-adjunto do Conselho de Ministros da URSS, 1985–1988; primeiro-presidente-adjunto do Conselho de Ministros da URSS e presidente da Comissão de Planeamento Estatal, 1988–1991; membro do Conselho Presidencial, 1990–1991; membro do Politburo, 1989–1990.

MATLOCK, JACK F., JR. Embaixador americano na União Soviética, 1987–1991; assistente especial do presidente Ronald Reagan para questões de segurança nacional, 1983–1986.

MATLOCK, REBECCA Esposa do embaixador americano Matlock.

MAZOWIECKI, TADEUSZ Primeiro-ministro polaco, agosto 1989–dezembro 1990.

MEDUNOV, SERGEI Primeiro-secretário do partido da região de Krasnodar, 1973–1982.

MEDVEDEV, ROY Historiador soviético dissidente; deputado do povo da URSS.

MEDVEDEV, VADIM Conselheiro sénior de Gorbachev, 1991; secretário do Comité Central, 1986–1990; membro do Politburo, 1988–1990.

MEDVEDEV, VLADIMIR Chefe do destacamento de segurança de Gorbachev.

MIKHAILENKO, VITALY Companheiro de Gorbachev em Stavropol.

MIKHALEVA, NADEZHDA Colega de Gorbachev na MGU.

MITTERRAND, FRANÇOIS Presidente de França, 1981–1995.

MLYNÁŘ, ZDENĚK Amigo chegado de Gorbachev na MGU, 1950–1955; secretário do partido comunista checo, 1968–1970, e intelectual que desempenhou um papel central na Primavera de Praga.

MODROW, HANS Primeiro-ministro da RDA, 1989–1990.

MOLOTOV, VYACHESLAV Companheiro de Estaline; rival de Khrushchev.

MURAKHOVSKY, VSEVOLOD Primeiro-presidente-adjunto do Conselho de Ministros da URSS e presidente da Comissão Agroindustrial Estatal, 1985-1989; primeiro-secretário do comité regional do partido de Stavropol, 1978-1985.

MURATOV, DMITRY Jornalista russo, editor do *Novaya gazeta*; amigo chegado de Gorbachev.

MUSATOV, VALERY Oficial do Comité Central.

MUTALIBOV, AIAZ Presidente do Azerbaijão, 1990-1992; primeiro-secretário do partido comunista do Azerbaijão 1990-1991; presidente do Conselho de Ministros do Azerbaijão, 1989-1990.

NAJIBULLAH, MOHAMMAD Presidente da República Democrática do Afeganistão, 1987-1992.

NAZARBAYEV, NURSULTAN Primeiro-secretário do partido comunista do Cazaquistão, 1989-1991; presidente do Cazaquistão, 1991-.

NÉMETH, MIKLÓS Primeiro-ministro da Hungria, 1988-1990.

NICOLAU II Último czar russo, 1894-1917.

NIKONOV, VIKTOR Secretário do Comité Central especializado em agricultura, 1985-1989; membro do Politburo, 1987-1989.

NIXON, RICHARD Presidente americano, 1969-1974.

OCCHETTO, ACHILLE Secretário-geral do partido comunista italiano, 1988-1994.

PALAZHENKO, PAVEL Intérprete de inglês de Gorbachev e Shevardnadze, 1985-1991; diretor de relações internacionais e contactos com a imprensa da Fundação Gorbachev.

PATIASHVILI, DZHUMBER Primeiro-secretário do partido comunista georgiano, 1985-1989.

PAVLOV, VALENTIN Primeiro-ministro soviético, janeiro-agosto 1991; participante no golpe de agosto de 1991.

PETRAKOV, NIKOLAI Conselheiro económico de Gorbachev, 1990.

PLEKHANOV, YURI Chefe do directorado do KGB responsável pela segurança de Gorbachev, 1983-1991; participante no golpe de agosto de 1991.

POLTORANIN, MIKHAIL Ministro da imprensa e da informação da República da Rússia, 1990-1992.

PONOMAREV, BORIS Chefe do departamento internacional do Comité Central, 1957-1986; secretário do Comité Central, 1961-1986.

POPOV, GAVRIIL Presidente de Moscovo, 1990-1992; político liberal.

POROTOV, NIKOLAI Diretor-adjunto do departamento de pessoal do Komsomol em Stavropol, e primeiro superior de Gorbachev.

PORTUGALOV, NIKOLAI Oficial do Comité Central.

POWELL, LORDE CHARLES Secretário privado e conselheiro para a política externa dos primeiros-ministros britânicos Margaret Thatcher e John Major, 1983-1991.

POWELL, COLIN Conselheiro para a segurança nacional do presidente Reagan, 1987-1989; presidente da Junta de Chefes de Estado Maior, 1989-1993.

POZGAY, IMRE Político húngaro.

PROKOFIEV, YURI Primeiro-secretário do comité do partido da cidade de Moscovo, 1989-1991; membro do Politburo, 1990-1991.

PUGO, BORIS Ministro da administração interna, 1990-1991; primeiro-secretário do partido comunista letão, 1984-1988; participante no golpe de agosto de 1991.

PUTIN, VLADIMIR Presidente russo, 2000-2008, 2012-; primeiro-ministro do presidente Boris Yeltsin, 1999-2000, e do presidente Dmitry Medvedev, 2008-2012.

RAKHMANNIN, OLEG Primeiro-chefe-adjunto do departamento do Comité Central para as relações com partidos comunistas e operários dos países socialistas, 1968-1987.

RAKOWSKI, MIECZYSLAW Primeiro-ministro polaco, 1988-1990.

REAGAN, NANCY Primeira-dama, 1981-1989, esposa de Ronald Reagan.

REAGAN, RONALD Presidente americano, 1981-1989.

REGAN, DONALD Chefe de gabinete da Casa Branca do presidente Reagan, 1985-1987.

REMICK, DAVID Correspondente em Moscovo do *Washington Post*, 1988-1991.

REVENKO, GRIGORY Chefe de gabinete da administração presidencial de Gorbachev, final de 1991.

RICE, CONDOLEEZZA Diretora dos assuntos soviéticos e da Europa de Leste, Conselho de Segurança Nacional dos E.U.A., 1989-1991

RIMASHEVSKAYA, NATALIA Colega de Gorbachev na MGU.

ROMANOV, GRIGORY Secretário do Comité Central, 1983-1985; primeiro-secretário do comité regional do partido de Leningrado, 1970-1983; membro do Politburo, 1976-1985.

RUSAKOV, KONSTANTIN Secretário do Comité Central e chefe do departamento do Comité Central para as relações com partidos comunistas e operários dos países socialistas, 1977-1986.

RUST, MATTHIAS Piloto amador da Alemanha ocidental cujo avião aterrou na Praça Vermelha a 28 de maio de 1987.

RUTSKOI, ALEKSANDR Vice-presidente da Rússia, 1991-1993.

RYABOV, YAKOV Primeiro-secretário do partido da província de Sverdlovsk, 1971-1976.

RYBAKOV, ANATOLY Autor soviético.

RYZHKOV, NIKOLAI Presidente do Conselho de Ministros, 1985-1991; chefe do departamento económico do Comité Central, 1982-1985; membro do Politburo, 1985-1990.

SAGDEYEV, ROALD Cientista espacial soviético.

SAKHAROV, ANDREI Físico nuclear russo que ajudou a desenvolver a bomba-H soviética; mais tarde tornar-se-ia dissidente soviético e ativista de direitos humanos; libertado do exílio em 1986; deputado do Congresso de Deputados do Povo em 1989.

SCOWCROFT, BRENT Conselheiro para a segurança nacional do presidente George H. W. Bush, 1989-1993.

SHAKHNAZAROV, GEORGY Adido chegado de Gorbachev, especialista na Europa de Leste e na reforma política na URSS, 1988-1991.

SHAPKO, VALERY Colega de Gorbachev na MGU.

SHAPOSHNIKOV, YEVGENY Último ministro soviético da defesa, agosto-dezembro 1991.

SHATALIN, STANISLAV Membro da Comissão Estatal para a Reforma Económica, 1989; membro do Conselho Presidencial, 1990-1991.

SHATROV, MIKHAIL Dramaturgo soviético.

SHCHERBITSKY, VLADIMIR Primeiro-secretário do partido comunista ucraniano, 1972-1989; membro do Politburo, 1971-1989.

SHENIN, OLEG Secretário do Comité Central e membro do Politburo, 1990-1991; participante no golpe de agosto de 1991.

SHEVARDNADZE, EDUARD Ministro dos negócios estrangeiros soviético, 1985-1990; primeiro-secretário do partido comunista da Geórgia, 1972-1985.

SHMELYOV, NIKOLAI Economista soviético; deputado do povo da URSS.

SHULTZ, GEORGE Secretário de estado dos E.U.A., 1982-1989.

SHUSHKEVICH, STANISLAV Presidente do Soviete Supremo da Bielorrússia, 1991-1994.

SILAYEV, IVAN Presidente do Conselho de Ministros da RSFSR, junho 1990-final de 1991.

SOBCHAK, ANATOLY Estudioso de direito soviético; deputado do povo da URSS; membro do Conselho Presidencial; presidente de S. Petersburgo, 1991-1996.

SOKOLOV, SERGEY Ministro da defesa soviético, 1984-1987.

SOLOMENTSEV, MIKHAIL Membro do Politburo, 1983-1988.

SOLOVYOV, YURI Primeiro-secretário do comité do partido da província de Leningrado, 1985-1989.

STANKEVICH, SERGEI Erudito soviético; deputado do povo da URSS; líder do Grupo Inter-regional de Deputados.

STARKOV, VLADISLAV Editor do *Argumenty i fakty*.

STARODUBTSEV, VASILY Participante na tentativa de golpe de agosto de 1991.

STRAUSS, ROBERT Embaixador dos E.U.A. na URSS, 1991.

ŠTROUGAL, LUBOMÍR Primeiro-ministro checoslovaco, 1971-1988.

SUSLOV, MIKHAIL Secretário do Comité Central, 1947-1982.

TARASENKO, SERGEI Principal conselheiro do ministro dos negócios estrangeiros soviético Eduard Shevardnadze, 1985-1990.

TELTSCHIK, HORST Conselheiro para a segurança nacional do chanceler Helmut Kohl, 1982-1990.

THATCHER, MARGARET Primeira-ministra do RU, 1979-1990.

TIKHONOV, NIKOLAI Presidente do Conselho de Ministros, 1980-1985; membro do Politburo, 1979-1985.

TITARENKO, ALEKSANDRA Mãe de Raisa Gorbachev.

TITARENKO, LUDMILA Irmã de Raisa Gorbachev.

TITARENKO, MAKSIM Pai de Raisa Gorbachev.

TITARENKO, YEVGENY Irmão de Raisa Gorbachev.

TIZYAKOV, ALEKSANDR Participante na tentativa de golpe de agosto de 1991.

TOPILIN, YURA Colega de Gorbachev na MGU.

TRUDEAU, PIERRE ELLIOTT Primeiro-ministro canadiano, 1968-1979; 1980-1984.

TVARDOVSKY, ALEKSANDR Autor soviético; editor da *Novyi mir*.

ULYANOV, MIKHAIL Ator soviético; deputado do povo da URSS.

USTINOV, DMITRY Ministro da defesa soviético, 1976-1984; membro do Politburo, 1976-1984.

VARENNIKOV, VALENTIN Ministro-adjunto da defesa e comandante de forças terrestres, 1989-1991; participante no golpe de agosto de 1991.

VARSHAVSKY, MIKHAIL E INNA Amigos chegados dos Gorbachevs em Stavropol.

VELIKHOV, YEVGENY Diretor do Instituto de Energia Atómica; deputado do povo da URSS, 1989-1991; membro do Comité Político Consultivo do presidente Gorbachev, 1991.

VIRGANSKAYA/GORBACHEV, IRINA Filha de Mikhail e Raisa Gorbachev.

VIRGANSKAYA, ANASTASIA (NASTYA) E KSENIA Netas de Mikhail e Raisa Gorbachev, filhas de Irina.

VIRGANSKY, ANATOLY Genro de Gorbachev, casado com a sua filha Irina.

VLASOV, ALEKSANDR Ministro da administração interna da URSS, 1986-1988; presidente do Conselhos de Ministros russo, 1988-1990.

VOLSKY, ARKADY Chefe do departamento de construção de máquinas do Comité Central; emissário espacial em Nagorno-Karabakh, 1988-1990.

VORONTSOV, YULI Embaixador soviético nas Nações Unidas, 1990-1991; embaixador no Afeganistão, 1988-1990; primeiro-ministro-adjunto dos negócios estrangeiros, 1986-1989; embaixador em França, 1983-1986.

VOROTNIKOV, VITALY Presidente do Conselho de Ministros da República da Rússia, 1983-1988; presidente do Presídio do Soviete Supremo da RSFSR, 1988-1990; membro do Politburo, 1983-1990.

VYSOTSKY, VLADIMIR Ator e bardo soviético.

WAŁESA, LECH Presidente polaco, 1990-1995; fundador da federação sindical Solidariedade.

WEIZSÄCKER, RICHARD VON Presidente da Alemanha Ocidental/Alemanha, 1984-1994.

XIAOPING, DENG Líder de facto da China, 1978-início da década de 1990.

YAKOVLEV, ALEKSANDR Membro do Politburo, 1987-1990; secretário do Comité Central, 1986-1990; embaixador soviético no Canadá, 1973-1983.

YAKOVLEV, YEGOR Editor-chefe do *Moskovskie novosti/Moscow News*, 1986-1991.

YANAYEV, GENNADY Vice-presidente da União Soviética, dezembro 1990-agosto 1991; líder de federações sindicais soviéticas, 1986-1990; participante no golpe de agosto de 1991.

YAVLINSKY, GRIGORY Economista soviético/russo: presidente-adjunto do Conselho de Ministros russo e da Comissão Estatal para a Reforma Económica, 1990.

YAZOV, DMITRY Ministro da defesa soviético, 1987-1991; participante no golpe de agosto de 1991.

YEFREMOV, LEONID Primeiro-secretário da região de Stavropol, 1964-1970.

YELTSIN, BORIS Presidente russo 1991-1999; presidente do Soviete Supremo russo, 1990-1991; membro a candidato do Politburo, 1986-1988; secretário do Comité Central, 1985-1986; primeiro-secretário do comité partidário da cidade de Moscovo, 1985-1987.

ZAGLADIN, VADIM Conselheiro de Gorbachev, 1988-1991.

ZAIKOV, LEV Primeiro-secretário do comité da cidade de Moscovo, 1987-1989.

ZASLAVSKY, ILYA Deputado do povo da URSS.

ZASLAVSKAYA, TATYANA Sociólogo económico soviético.

ZDRAVOMYSLOVA, OLGA Diretora-executiva da Fundação Gorbachev.
ZHIVKOV, TODOR Líder do partido comunista búlgaro, 1954-1989.
ZIMYANIN, MIKHAIL Secretário do Comité Central, 1976-1987.
ZOELICK, ROBERT Conselheiro do Departamento de Estado dos E.U.A.,
1989-1992.
ZUBENKO, IVAN Redator de discursos de Gorbachev em Stavropol.
ZYUGANOV, GENNADY Líder do partido comunista russo.



Os Gorbachevs de férias em Foros, agosto de 1990.

INTRODUÇÃO

«GORBACHEV É DIFÍCIL DE COMPREENDER»

«**O** GORBACHEV É DIFÍCIL de compreender», disse-me ele, referindo-se a si próprio, tal como é seu hábito, na terceira pessoa. Começara a trabalhar na sua biografia em 2005 e, um ano depois, ele perguntou como ia o trabalho. «Lento», lamentei-me. «Não faz mal», respondeu ele, «o Gorbachev é difícil de compreender».

Ele tem sentido de humor. E estava certo. O mundo divide-se profundamente no que diz respeito à compreensão de Gorbachev. Muitos, sobretudo no Ocidente, consideram-no o maior estadista da segunda metade do século xx. Todavia, na Rússia é de um modo geral desprezado por quem o culpa pelo colapso da União Soviética e pelo *crash* económico que o acompanhou. Os admiradores maravilham-se com a sua visão e coragem. Os opositores, entre eles alguns dos antigos camaradas do Kremlin, acusam-no de tudo um pouco, desde ingenuidade a traição. Mas todos concordam que ele mudou o seu país e o mundo quase sozinho.

Antes de Gorbachev assumir o poder, em março de 1985, a União Soviética era uma das duas superpotências mundiais. Em 1989, ele transformara o sistema soviético. Em 1990, ele, mais do que ninguém, acabara com a guerra fria. Em finais de 1991, a União Soviética colapsou, deixando-o presidente sem país.

Não agiu sozinho. O estado lastimável do sistema soviético em 1985 levou os companheiros de Gorbachev no Kremlin a escolhê-lo para que desse início a reformas, embora ele tivesse acabado por ir muito mais longe do que qualquer um deles pretendia. Contava com aliados russos liberais que receberam de braços abertos as suas reformas abrangentes e que se esforçaram por apoiá-lo, mas que depois escolheram Boris Yeltsin para os levar à terra prometida. Tinha adversários soviéticos de linha dura que lhe resistiram, ao início dissimuladamente, mas depois às claras. Tinha rivais pessoais, sobretudo Yeltsin, a quem atormentou e por quem

foi atormentado, até este levar finalmente a cabo o golpe que marcaria o fim tanto de Gorbachev como da URSS. Os líderes ocidentais duvidaram de Gorbachev, depois abraçaram-no, e por fim abandonaram-no, recusando-lhe o apoio económico de que ele precisava desesperadamente. E talvez o mais importante, ele teve de lidar com a Rússia, e com os seus tradicionais costumes autoritários e antiocidentais: depois de rejeitar tanto Gorbachev como Yeltsin, a nação acabaria por acolher Vladimir Putin.

Enquanto secretário-geral do partido comunista, Gorbachev tinha o poder de alterar quase tudo. Ademais, ele era único entre os seus pares. Os seus valores eram partilhados por outros cidadãos soviéticos, alguns em posições relativamente elevadas, mas quase nenhum no topo. Os únicos três membros do Politburo que o apoiaram quase até ao fim, Aleksandr Yakovlev, Eduard Shevardnadze e Vadim Medvedev, estavam em posição de o fazer porque Gorbachev os nomeou ou os manteve onde se encontravam. Archie Brown, perito britânico em assuntos soviéticos, escreveu que «Não existe motivo para se acreditar que qualquer alternativa concebível a Gorbachev em meados da década de 1980 teria invertido por completo o Marxismo-Leninismo e alterado fundamentalmente o país e o sistema internacional numa tentativa de inverter um declínio que não representasse uma ameaça imediata tanto ao sistema [soviético] quanto a ele»¹.

O falecido estudioso russo Dmitry Furman enquadrou o carácter único de Gorbachev de uma forma mais abrangente: ele foi «o único político na história da Rússia que, tendo o poder absoluto nas mãos, optou voluntariamente por limitá-lo, e até arriscar-se a perdê-lo, em nome de valores e princípios morais». Se Gorbachev houvesse recorrido à força e à violência para se manter no poder, isso teria sido «uma derrota». À luz dos princípios de Gorbachev, continuaria Furman, «a sua derrota final foi uma vitória» — embora, diga-se, na altura tal não o parecesse a Gorbachev².

Como é que Gorbachev se tornou Gorbachev? Como é que um jovem camponês, cujo tributo altaneiro a Estaline lhe garantiu um prémio no liceu, se transformou no coveiro do sistema soviético? «Só Deus sabe», lamentar-se-ia o primeiro-ministro de longa data de Gorbachev, Nikolai Ryzhkov, que acabaria por se virar contra ele³. Andrei Grachev, um dos adidos chegados de Gorbachev, chamou-lhe «um erro genético do sistema»⁴. Gorbachev descreveu-se a si próprio como sendo «um produto» desse sistema, bem como o seu «antiproduto»⁵. Mas como viria a tornar-se ambas as coisas?

Como viria a tornar-se líder do partido comunista, pesasse embora a

mais rigorosa disposição imaginável de proteções e garantias concebidas para proteger o sistema de alguém como ele⁶? Como, tal como pergunta Grachev, é que «um país que não era completamente normal acaba com um líder com reflexos morais e senso comum normais»⁷? Um psiquiatra americano que traçava o perfil de líderes estrangeiros para a Central Intelligence Agency continua abismado com o modo com um «sistema rígido» como aquele pôde produzir um líder tão «inovador e criativo»⁸.

Quais as alterações que Gorbachev procurava levar a cabo no país quando assumiu o poder em 1985? Preferiria simplesmente reformas económicas moderadas, tal como disse na altura, vindo a radicalizar-se com a falta de resultados? Ou teria, desde o primeiro momento, em vista a aniquilação do totalitarismo, ocultando esse seu objetivo por isso ser impensável para os membros do Politburo que o escolheram? O que o terá levado a tentar transformar o comunismo na URSS? O que o terá levado a pensar que seria capaz de transformar uma ditadura numa democracia, uma economia dirigida numa economia de mercado, um estado unitário profundamente centralizado numa verdadeira federação soviética, e uma guerra fria numa nova ordem mundial baseada na renúncia da força — tudo ao mesmo tempo e através daquilo a que ele chamou meios «evolutivos»? O que o terá levado a pensar que poderia sobrepor-se, em poucos anos, aos padrões políticos, económico e sociais russos já com séculos: o autoritarismo czarista que assumiu a forma de totalitarismo soviético, longos períodos de obediência quase escravagista pontuados por rompantes ocasionais de rebelião sangrenta, experiências mínimas com atividade cívica, incluindo compromissos e consensos, a ausência total de uma tradição de organização democrática e de um real estado de direito? Tal como o próprio Gorbachev viria a comentar sobre a mentalidade russa que o rejeitou: «A nossa mentalidade russa exigiu que a nova vida fosse apresentada de imediato numa bandeja de prata, sem que a sociedade fosse reformada»⁹.

Será que Gorbachev teria um plano? Qual seria a sua estratégia para transformar o país e o mundo? Afirmam os críticos que não teria nem uma nem outra coisa. Mas ninguém tinha, argumentam os admiradores; ninguém teria um esquema para transformar em simultâneo o seu país e o mundo.

Fosse Gorbachev ou não um grande estratega, não terá sido um tático brilhante? De que outra forma levaria a que uma maioria do Politburo, oposta às suas reformas mais radicais, as aprovasse? Seria ele, não obstante, «insuficientemente decisivo e consistente», tal como disse Georgy

Shakhnazarov, um dos seus adidos mais chegados¹⁰? Como poderia ser esse o caso, se durante seis anos ele correu o risco de expulsão repentina, e até de prisão?

Como reagiu Gorbachev quando muitos dos seus camaradas do Kremlin se viraram contra ele e tantos dos elementos por si nomeados tramaram um golpe contra ele em agosto de 1991? Ou terá sido ele a traí-los, levando-os a acreditar que pretendia modernizar o sistema soviético, contribuindo depois para a sua destruição?

Seria Gorbachev vingativo e inclemente? Poderá isso ajudar a explicar a sua incapacidade fatídica de lidar com Boris Yeltsin? Mas ele perdoou ou olvidou algumas das críticas mais duras dos seus adidos chegados e manteve-os a seu lado na fundação que criou depois de perder o poder em 1991. «Não consigo vingar-me de ninguém», diria, mais tarde na vida. «Não consigo não perdoar»¹¹.

Será que, dados os obstáculos para o êxito, Gorbachev não seria um idealista utópico? De todo, insistiria ele: «Garanto que o sonho idílico não é característico do Gorbachev». Mas também ele recordou que «O sábio Moisés teve razão em levar os Judeus pelo deserto durante quarenta anos (...) para se libertarem do legado da escravatura egípcia»¹².

Enquanto líder, sobretudo enquanto líder soviético, Gorbachev foi um homem extraordinariamente decente — demasiado decente, diriam muitos russos e alguns ocidentais, demasiado relutante em usar a força, quando a força salvaria a nova União Soviética democrática que ele estava a criar. Porque será que quando os inimigos não hesitaram em usar a força para esmagar a liberdade por ele introduzida, ele se recusou a usar a força para a salvar¹³? Será que, depois de todo o sangue derramado ao longo da história da Rússia, sobretudo nas guerras e nas purgas do século xx, ele estaria intelectualmente convencido de que não se deveria derramar mais? Seria uma aversão emotiva baseada na exposição pessoal ao terrível custo da guerra e da violência?

A decência de Gorbachev revelava-se na sua vida familiar. A esposa Raisa era uma mulher inteligente e de bom gosto (embora Nancy Reagan não concordasse). Ao contrário de demasiados políticos, Gorbachev amava e estimava a esposa, e, o que é raro num líder soviético, foi empenhado e envolvido enquanto pai com a filha, e enquanto avô com as duas netas. Assim sendo, o que o terá levado a sentir, depois da morte em agonia da esposa, aos sessenta e sete anos, com leucemia, e segundo as suas palavras, que «Sou culpado. Fui eu que a matei»¹⁴?

Se Gorbachev foi realmente único, se as suas ações divergiram de forma tão drástica daquilo que outros líderes teriam feito no lugar dele, o seu caráter será essencial para explicar o seu comportamento. Mas esse caráter é difícil de definir. Seria um excelente ouvinte, tal como há quem diga; um homem, na sua essência, sem ideologias, que estava disposto a aprender com a vida real? Ou seria um homem que não sabia como parar de falar? De acordo com Aron Belkin, um renomado psiquiatra soviético que não conheceu Gorbachev pessoalmente, mas cujo diagnóstico foi considerado credível por Anatoly Chernyaev, um dos adidos mais chegados de Gorbachev, este era extraordinariamente confiante e lesivamente narcisista¹⁵. Mas se o narcisismo pertence a uma gama onde, no «extremo mais saudável», encontramos o «egoísmo» e a «confiança extrema», será que isso é assim tão invulgar entre os líderes políticos¹⁶? Qualquer que seja o termo que se use, Gorbachev era uma pessoa extraordinariamente segura de si. No entanto, sempre que lhe perguntavam qual a característica que mais o incomodava em alguém que lhe fosse apresentado, Gorbachev respondia «Autoconfiança». E o que mais o irritava, de um modo geral, nas outras pessoas? «Arrogância»¹⁷. Sentir-se-ia ameaçado por outros homens confiantes? Ou será que se revia nos outros, não gostando daquilo que via?

Aleksandr Yakovlev, o mais chegado colaborador de Gorbachev quando na liderança soviética, embora mais afastado em anos posteriores, julgava que Gorbachev se considerava, ele próprio, difícil de compreender. Por vezes, Yakovlev sentia que Gorbachev «receava olhar para si próprio, receava comunicar candidamente consigo próprio, receava descobrir algo que não soubesse e que não quisesse saber». De acordo com Yakovlev, Gorbachev «precisava sempre de resposta, de elogio, de apoio, de compaixividade e de compreensão, pois isso servia-lhe de combustível para a sua vaidade e autoestima, bem como para os seus atos criativos»¹⁸.

A ser assim, com terá Gorbachev reagido quando, à beira do auge, teve de assistir a grande parte da visão a escorrer-lhe por entre os dedos? Terá realmente sido um grande líder? Ou será que foi um herói trágico arrasado, em parte, pelos seus próprios defeitos, mas ainda mais pelas forças inclementes com que se defrontou?

CAPÍTULO 1

INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

1931-1949

MIKHAIL GORBACHEV NASCEU A 2 de março de 1931, na aldeia de Privolnoye, cerca de cento e cinquenta quilómetros a norte da cidade russa de Stavropol, no Cáucaso do Norte. Os pais chamaram-lhe Viktor, quiçá uma forma prudente de elogiar a «vitória» iminente do primeiro plano quinquenal previsto por Estaline. Todavia, a mãe e a avó insistiram num batismo secreto, durante o qual o avô paterno o batizou como Mikhail, um nome com conotações mais bíblicas. Aparentemente, o sinal de nascença da cor do vinho do porto que tem na cabeça, o qual, segundo o folclore russo, é sinal do demo, não incomodou nem os pais nem os avós.

Privolnoye pode ser traduzido, grosso modo, como «livre e descontraído», mas, durante a sua infância, não era nem um caso nem o outro¹. Em Privolnoye, tal como no resto da União Soviética, em 1931, a terra estava a ser coletivizada, um processo violento que custou a vida a milhões de camponeses. Dois tios e uma tia de Gorbachev faleceram durante a terrível fome de 1932-1933. O terror estalinista da década de 1930 levou ambos os avós de Gorbachev: o materno foi detido em 1934 e o paterno em 1937. Depois, a 22 de junho de 1941, os Nazis invadiram a URSS, ocupando a aldeia de Gorbachev durante quatro meses e meio em 1942. A fome voltou a fazer-se sentir em 1944 e 1946. E depois da guerra, quando o povo soviético esperava, finalmente, por uma vida melhor, Estaline voltou a massacrá-los, obrigando-os, mais uma vez, a sacrificarem-se pelo futuro glorioso que o Comunismo prometia, mas nunca cumpria.

Não será fácil imaginar uma época mais horrível. Tê-la vivido influenciou claramente as ideias posteriores de Gorbachev — em relação ao Estalinismo e à necessidade de o condenar, à força e à violência, e à obrigação de evitar o seu uso. Mas esta história tem um outro lado. Durante os horrores, o regime insistia que as crianças soviéticas cumprissem o

ritual de «agradecer ao Camarada Estaline» pela sua «infância feliz». E, por mais surpreendente que isso seja, a infância de Gorbachev até foi feliz. Isso teve, em parte, que ver com o seu temperamento naturalmente alegre e otimista, mas também refletiu o bem que milagrosamente surgiu no mal que o rodeava. Poderia a coletivização ser assim tão horrível quando um dos seus avôs, que gostava especialmente dele, presidia a um coletivo agrícola? Ambos os avôs sobreviveram ao Gulag e, em breve, foram libertados. Quando os Nazis pareciam prestes a deter a família Gorbachev como sendo familiares do presidente de um coletivo agrícola comunista, os alemães foram obrigados a retirar-se de Privolnoye. O pai, que Gorbachev amava profundamente, foi dado como morto na guerra, mas o relato estava errado: Sergei Gorbachev conseguiu sobreviver quatro anos na frente e regressou a casa em triunfo. Depois da guerra, além de se sair bem na escola e de se tornar um ativista da Komsomol (Liga da Juventude Comunista), Gorbachev recebeu uma das mais importantes medalhas da URSS, a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho, por ajudar o pai, operador de ceifeira-debulhadora, a quebrar recordes de colheita.

Os psicólogos dizem que quando os infortúnios e as potenciais tragédias pessoais acabam por ter um final feliz, quer devido ao acaso, quer graças ao esforço das potenciais vítimas, estas têm uma grande probabilidade de virem a ser mais confiantes e otimistas, menos suscetíveis a depressão². Ademais, o que se passou não foi apenas que o pior não tivesse acontecido a Mikhail Gorbachev, mas sim que grande parte do sucedido foi quase ideal. O pai, Sergei Gorbachev, era, aparentemente, um homem maravilhoso, sendo adorado por Mikhail e respeitado pelos restantes aldeões. Na sua juventude, segundo se recorda Gorbachev, ele não só nutria «sentimentos filiais» pelo pai, como também lhe era «bastante chegado». Verdade seja dita, eles nunca deram voz aos sentimentos um pelo outro: «estavam presentes, só isso»³. O avô materno de Gorbachev, Pantelei Gopkalo, tratava-o com «ternura», um sentimento que raras vezes é admitido pelos homens russos. Claro que também havia tensão na família alargada. Tal como recorda Mikhail Gorbachev, o avô paterno, Andrei Gorbachev, era «muito autoritário». Sergei, o pai de Andrei e Gorbachev, cresceu afastado do pai, chegando mesmo a haver troca de violência em pelo menos uma ocasião. Mas também o Avô Andrei tinha um fraco pelo neto, tal como era o caso de ambas as avós de Gorbachev. Maria, a mãe de Gorbachev, conseguia ser fria e punitiva: resistira ao casamento com o marido e disciplinou o filho com

cinto até aos treze anos de idade. A tensão familiar viria a afetar Mikhail; ao crescer, e mesmo já em adulto, parecia ter uma necessidade especial pelo tipo de amor e de respeito que considerava merecer⁴.



O jovem Mikhail Gorbachev com os avós maternos, Pantelei e Vasilisa Gopkalo.

Os pais eram pobres, mas trabalhavam com esforço e brio, e educaram-no para que fizesse o mesmo. De modo a sobreviver à guerra, Gorbachev viu-se obrigado a deixar a infância para trás quando ainda mal entrara na adolescência. Depois da guerra tornou-se um aluno e um cidadão exemplar na escola. E a rematar tudo isso, ainda recebera a medalha pela colheita de cereais. Em 1950, quando deixou Privolnoye para frequentar a Universidade Estatal de Moscovo, Gorbachev era forte, independente e confiante ao ponto da arrogância. Resumiu a sua conceção de vida da seguinte forma: «Éramos pobres, praticamente indigentes, mas, de um modo geral, eu sentia-me muito bem»⁵.

...

A PRÉ-HISTÓRIA DA ZONA de Stavropol onde Gorbachev cresceu remonta ao primeiro milénio antes de Cristo, quando várias tribos entraram no noroeste do Cáucaso. Stavropol propriamente dita foi criada em 1777, como base militar, e elevada a cidade em 1785. No seu centro estava uma das várias fortalezas edificadas, ao longo de uma linha entre Azov e Mozdok, pelo príncipe Grigory Potemkin (afamado pelas aldeias Potemkin), a pedido da sua amante, a imperatriz Catarina, *a Grande*, para defender a fronteira austral do Império Russo. A zona foi colonizada por cossacos, aos quais se viriam a juntar servos em fuga de latifundiários opressivos, e mais tarde outros camponeses obrigados a exilar-se. Na segunda metade do século XIX, os antepassados paternos de Gorbachev migraram de Voronej, no sul da Rússia, e os maternos de Chernigov, no norte da Ucrânia. A periferia austral do império, comenta Gorbachev, tinha um «caráter turbulento»: os líderes de duas rebeliões camponesas, Stepan Razin e Yemiliyan Pugachev, eram das redondezas, tal como Iermak, o líder cossaco e explorador da Sibéria quinhentista. «Aparentemente», continua ele com orgulho, esse espírito «entrou no sangue de quem lá vivia, e foi transmitido de geração em geração»⁶. Foi também nessa região fértil que, em 1918, nasceu o dissidente conservador antissoviético Aleksandr Solzhenitsyn.

A aldeia de Privolnoye foi fundada em 1861 no extremo noroeste da região de Stavropol, perto das fronteiras com as províncias de Rostov e Krasnodar. O acesso nos nossos dias é feito saindo de Stavropol para noroeste, passando por campos de trigo e de girassóis. A entrada da aldeia apresenta um enorme cartaz policromático que proclama «Bem-vindo a Privolnoye!» Da praça da aldeia parte uma estrada, que começa alcatroada e depois passa a terra batida, que segue cerca de quilómetro e meio até um ponto amplo onde a terra se ergue lentamente do rio Yegorlyk. Na década de 1930, a população dividia-se quase equitativamente entre russos e ucranianos. No centro da aldeia, os russos étnicos viviam numa das margens do rio, com os elementos de origem ucraniana a residir na outra. O terreno onde os Gorbachevs se instalaram, que desce até ao rio, encontra-se agora desabitado. Iguamente vazio, salvo pela erva e pelos arbustos, está o terreno que se estende a caminho da estepe. Só se veem alguns anexos na linha do horizonte. O resto de Privolnoye, com as suas casas de madeira e grande igreja, para cuja construção o antigo presidente da URSS, Mikhail Gorbachev, fez uma contribuição substancial, também não é visível.

Foi aí, no que na altura era o extremo da aldeia, que Moisei Gorbachev, o bisavô de Gorbachev, construiu uma cabana para a esposa e os três filhos,

Aleksei, Grigory e Andrei. Muitos anos mais tarde, depois de Mikhail crescer, a família Gorbachev abandonou essa planície amíde alagada e mudou-se para mais perto da aldeia. Em pequeno, tudo o que ele conseguia ver além da cabana, situada a cerca de duzentos metros do rio, era a versão russa de uma pradaria americana: «estepe, estepe e mais estepe»⁷. No tempo de Moisei Gorbachev, os dezoito elementos da família alargada amontoavam-se numa grande cabana com várias divisões; outros familiares residiam nas proximidades. Mais tarde, os três filhos construíram as suas próprias cabanas, com os avós recém-casados de Gorbachev, Andrei e Stepanida, a encetarem a vida sozinhos. Foi aí que nasceu Sergei, pai de Gorbachev, em 1909.

O Avô Andrei, que combateu na frente ocidental na Primeira Guerra Mundial, era uma pessoa dura e obstinada. «Não poupava nada nem ninguém», recorda o neto. «Tinha de estar sempre tudo em ordem»⁸. «Era severo e impiedoso»⁹. «Mesquinho», diz outra fonte. «Carrancudo e irascível, embora forte e determinado», acrescentam ainda outras¹⁰. Todavia, o velho que intimidava todos amolecia ao ver o neto. «Ele convidava-me para o seguir, contava-me histórias, dava-me de comer, e insistia que eu comesse»¹¹. Segundo se recorda Gorbachev, Stepanida era «boa e carinhosa» e uma especialmente boa «amiga» do neto. Também nisso ele foi «sortudo»¹².

Andrei e Stepanida tiveram seis filhos, mas apenas dois rapazes, pelo que a comuna agrícola, que só contava com os homens aquando da distribuição da terra, lhes atribuiu muito pouca. Consequentemente, diz Gorbachev, todos os membros da família, incluindo os mais pequenos, tinham de trabalhar «noite e dia». Conseguiram retirar a família da pobreza, tornando-se aquilo a que se chamava de «camponeses médios». Claro que para proporcionar dotes às filhas foi preciso vender cereais e gado. O que salvou a família foi a enorme horta onde o Avô Andrei conseguia cultivar quase tudo de que a família precisava. «Era uma horta estupenda», recorda o neto. Chegava ao rio. O Avô enxertou macieiras, pelo que tínhamos vários tipos, vermelhas e verdes. Era lindo, imenso. Mas era perigoso correr por lá. O Avô era um homem duro, muito duro»¹³.

O Avô Andrei também era duro com o Comunismo. Quando lhe perguntaram se Andrei alguma vez se juntara ao partido comunista, um tio materno de Gorbachev riu-se e respondeu que «Não, por nada deste mundo»¹⁴. Andrei recusou-se a juntar a um coletivo agrícola e escapou-se com isso, pelo menos durante algum tempo. Continuou a ser um camponês individual, sendo obrigado a conseguir uma determinada quantidade de

cereais e a vender uma porção ao estado, mas não podia ter propriedade. Quando a fome se fez sentir no país, com a família a ter de comer tudo o que fosse comestível e mesmo algumas coisas que não o eram, Andrei alimentou-os com rãs; a primeira memória de Gorbachev, recorda ele, foi de as ver a cozer num grande caldeirão, até que as barrigas brancas se deixavam ver à superfície. Não se lembrava se as comeu ou não, mas recordava-se bem de quando ele e o tio mais novo, apenas com mais cinco anos do que ele, comeram «as sementes que eram para ser plantadas»¹⁵.

Em 1934, Andrei foi detido por «não cumprir o plano [de plantação] quando não havia nada com que o cumprir», diz o neto. Enviado para um campo de trabalhos forçados perto de Irkutsk, na Sibéria, onde os prisioneiros cortavam e transportavam lenha, Andrei conseguiu receber dois louvores de trabalho. Foi libertado antecipadamente e regressou a Privolnoye (onde pendurou as medalhas do campo junto aos ícones religiosos na parede) mais sisudo do que nunca, mas sem outra alternativa que não juntar-se ao colcoz (coletivo agrícola). Durante os dezassete anos seguintes ficou encarregue de uma criação de porcos no interior do colcoz, a qual ele transformou numa das melhores da região. «Como pode ver», disse Gorbachev numa entrevista, «onde quer que estivesse, ele trabalhava com afinco e obrigava os outros a trabalhar como ele»¹⁶. O neto apreenderia a lição.

Pantelei Gopkalo, o outro avô de Gorbachev, era, política e psicologicamente, o oposto de Andrei Gorbachev. O Avô Pantelei recebeu de braços abertos a Revolução Bolchevique. «Foi o poder soviético que nos salvou, que nos deu terra», dizia Gopkalo, oriundo de uma família de pobreza abjeta e que passara a Primeira Guerra Mundial na frente turca. Repetidas vezes sem conta na família Gopkalo, estas palavras causaram uma impressão profunda no neto. Igualmente marcante foi o facto de Gopkalo, depois de ter saído da «pobreza» e chegado a camponês «médio», ter ajudado, na década de 1920, a organizar uma nova comuna camponesa onde trabalhou, a par da esposa Vasilisa (também de origem ucraniana) e da filha Maria, futura mãe de Mikhail Gorbachev. Em 1928, Pantelei Gopkalo juntou-se ao partido comunista. Pouco depois, em 1929, ajudou a organizar o primeiro coletivo agrícola. Quando o jovem Mikhail perguntou à avó o que isso implicava, «ela riu-se e disse “O teu avô passava a noite a organizar pessoas, a reuni-las, e depois, de manhã, elas fugiam”»¹⁷. Ou então, tal como mais tarde diria ao neto, numa ocasião recordada por Gorbachev durante uma reunião do Politburo em outubro de 1987: «Que inimizade criou a coletivização! Irmão contra irmão, filho contra pai, afetou famílias inteiras.

As quotas chegavam de cima — tantos culaques a despejar, quer o fossem mesmo ou não»¹⁸.

Os chamados culaques (o termo russo significa, literalmente, «punho») eram, supostamente, camponeses «ricos»; na verdade, eles eram, na sua maioria, pequenos proprietários que, graças ao trabalho e ao empreendimento pessoal, haviam conseguido elevar o seu estatuto um pouco acima de camponeses «médios». O filho de Gopkalo, também chamado Sergei, ajudou no esforço para «esmagar as sanguessugas». «Eu pertencia a uma célula Komsomol», continua o tio materno de Gorbachev. «Íamos de casa em casa, a expulsar aqueles que nos eram indicados. Limpámo-los. Tinha pena deles. O chefe do meu esquadrão estava sempre bêbado. Numa das cabanas mandou-me subir ao palheiro e tirar tudo. Dei uma vista de olhos e gritei “Aqui não há nada”. “Sai daí”, disse ele, “eu vejo”. E embora estivesse tão bêbado que mal via, reparou em vários casacos de pele de ovelha. Ah, como apanhei depois disso»¹⁹.

À semelhança de tanta outra coisa na União Soviética, a «desculquização» deveria correr de acordo com um plano que contava até com objetivos mensais. As famílias eram privadas da sua propriedade e levadas para o exílio, com algumas a serem deixadas na estepe desolada da região nordeste de Stavropol, e outras a serem enfiadas em carretas de gado, onde muitas pessoas viriam a perecer, que seguiam bastante mais para leste. Não se sabe ao certo qual o papel que Pantelei Gopkalo desempenhou em tudo isto, mas é óbvio que terá agradado aos superiores, que o destacaram como líder de um colcoz chamado «Outubro Vermelho».

Qualquer que tenha sido o seu papel no brutal processo de coletivização, Pantelei Gopkalo parece ter sido um presidente decente a partir do momento em que o colcoz ficou estabelecido. Um jornalista de Stavropol, que muito mais tarde viria a entrevistar os camponeses coletivos acerca dele, relataria memórias positivas de quase todos²⁰. Em 1937, Pantelei tornara-se chefe do departamento regional de terra. «Mas ele continuava a ser um de nós», acrescenta Gorbachev. «Era uma pessoa tão interessante, com tanta autoridade, ele falava calmamente e devagar»²¹. Os avós de Gorbachev garantiram-lhe dois modelos de autoridade: o de Andrei era um modelo duro, independente e autoritário, o de Pantelei, pelo menos aos olhos do neto, mais brando, mais atencioso e compassivo para com a agricultura coletivizada.

A partir dos três anos de idade, Gorbachev viveu durante alguns anos com os avós maternos, e não com os pais, no seu coletivo agrícola a cerca

de vinte quilómetros de Privolnoye. Relembra Gorbachev que corria atrás da larga e funda carroça aberta do avô. «Tinha uma liberdade quase absoluta com eles, e eles amavam-me profundamente. Sentia-me como se fosse a pessoa mais importante da família deles. Não importa o quanto eles me tentavam deixar com os meus pais, mesmo que por pouco tempo, nunca conseguiam. Não era só eu que ficava satisfeito com a situação, os meus pais também (...)»²². «Assim ficavam livres»²³.

Naquela época de fome, fazia sentido para os pais de Gorbachev, que mal tinham vinte anos quando ele nascera, deixá-lo com os avós prestáveis e relativamente abastados, também eles ainda jovens. (A avó Vasilisa tinha apenas trinta e oito anos de idade.) Mas será que Gorbachev ficava mesmo satisfeito com a situação, e, a ser verdade, o que poderia isso significar? Certa vez, quando o avô o tentou levar aos pais numa carroça, Gorbachev saltou e correu quase dois quilómetros até que Gopkalo o alcançou e o levou de volta ao colcoz. Claro que ele se sentia a coisa mais importante na vida dos avós: Vasilisa repetia amiúde que ele era o neto preferido. Mas, e quanto aos pais²⁴?

O PAI DE GORBACHEV só teve quatro anos de educação formal, embora mais tarde viesse a receber tutela aquando da «campanha pela literacia» bolchevique e formação como condutor/mecânico de tratores. De acordo com o filho, Sergei Gorbachev era «um aldeão simples, mas dotado pela natureza de bastante inteligência, curiosidade, humanidade e muitas outras boas qualidades. Isso destacava-o dos outros aldeões, mas estes encaravam-no com respeito e com confiança: era alguém com quem “podiam contar”»²⁵.

O testemunho de Gorbachev é corroborado por outros. Sergei Gorbachev «era um homem sábio», recordou um seu contemporâneo, «modesto, mas extremamente trabalhador. (...) as pessoas adoravam-no. Estava sempre calmo, era um bom homem. As pessoas procuravam-no para obter conselhos. Ele não dizia muito, mas sopesava cada palavra. Não gostava de discursos»²⁶. De acordo com um camarada de Mikhail do Komsomol, o Gorbachev mais velho «nunca levantava a voz, era equilibrado, ordeiro e decente»²⁷. Raisa Gorbachev recordou que «Mikhail Sergeyeovich e o pai eram muito parecidos. Eram amigos. Sergei Andreyevich nunca teve uma educação sistemática, mas tinha uma cultura natural, um tipo de nobreza, uma certa gama de interesses»²⁸.

Dadas estas qualidades, de tal modo díspares das dos Avô Andrei, não

surpreende que eles não se dessem bem. Também não ajudou que Sergei decidisse seguir o sogro, e não o pai, juntando-se a um coletivo agrícola. Enquanto Sergei e Maria ainda viviam na casa de Andrei Gorbachev, os cereais eram armazenados no pátio, onde eram divididos entre os membros da família. Certa vez, quando Sergei se encontrava a trabalhar nos campos, o pai pegou em parte dos cereais para si escondeu-os no sótão. Quando Sergei subiu uma escada para procurar cereais por baixo do telhado, o pai derrubou-o. Aos vinte e três anos, Sergei tinha força suficiente para prender os braços do pai atrás das costas dele e deitá-lo ao chão, mas acabou por lhe fraturar o braço. Sergei tentou ocultar o acontecido. Acabaram por dividir os cereais, «mas o episódio terá seguramente complicado as relações entre eles», recorda Gorbachev²⁹. Quando lhe perguntaram se as relações entre os dois avós se mantiveram tensas, Gorbachev começaria por dizer que «Não, eram normais», mas viria a acrescentar «É claro, o Andrei tinha ciúmes do Pantelei»³⁰.



O pai de Gorbachev,
Sergei Gorbachev.

A filha de Pantelei, Maria Gopkalo, nascida em 1911, tinha dezassete anos de idade quando se casou com Sergei Gorbachev, em 1928; o marido tinha dezanove. «Era uma mulher linda», recorda Mikhail Gorbachev, mas

também era «dura e obstinada»³¹. Outros concordam que Maria, que permaneceu sempre analfabeta, era uma «mulher poderosa, direta, com língua afiada e um caráter duro»³². Os aldeões consideravam-na rude, quando comparada com o marido. Gorbachev concorda: «Era como se o meu pai e o Pantelei viessem da elite intelectual; eram parecidos nisso, e na forma de tratar os outros. A minha mãe era completamente diferente».

Numa entrevista, Gorbachev revelou que a mãe não queria, de todo, casar-se com o pai. Aos dezassete anos de idade teria outros pretendentes por onde escolher, sobretudo se era assim tão bonita. Quanto a Sergei, ele «amava profundamente a minha mãe. Mais tarde, quando nos visitava em Stavropol, antes de regressar ia sempre a uma loja comprar um presente para a Maria. Onde quer que fosse, levava-lhe sempre presentes»³³. Quando lhe perguntaram se a mãe acabou por amar o marido, Gorbachev fez uma pausa. «Talvez mais tarde, quando já tinham uma família, quando tiveram filhos». Contudo, num grande contraste com a maioria das camponesas russas da altura, com muitos filhos, Maria teve o segundo e último filho, Aleksandr, irmão de Gorbachev, em 1947, quando Mikhail tinha dezasseis anos de idade. «Depois da guerra», acrescenta Gorbachev, «todas as mulheres apaixonaram-se pelos maridos que conseguiram regressar vivos»³⁴.

De acordo com a tradição camponesa, Maria e Sergei Gorbachev deram início à vida conjugal em casa do pai dele. Era uma cabana comprida de paredes de adobe que se estendia de leste para oeste, com telhado de colmo. Ao descrevê-la, numa entrevista de 2007, Gorbachev rabiscou um desenho num bloco: «Esta primeira câmara, à esquerda, era a parte limpa, apresentável», com o piso de terra parcialmente coberto com passadeiras tecidas pelas mulheres da família. «Para receberem hóspedes?» perguntaram-lhe. «Não, não. O que quer dizer com isso, hóspedes? Lembro-me bem. A cama dos meus avós ficava aqui. E ao canto, uma iconóstase enorme, composta por dez a doze ícones dourados. O candeeiro ficava ao lado». (Na casa do Avô Pantelei, presidente de um coletivo agrícola, a iconóstase era ocupada por retratos de Lenine e de Estaline.) Depois da porta havia outra divisão, com um fogão enorme, onde as mulheres coziam pão, e um fogão mais pequeno, onde preparavam tudo o resto. As crianças dormiam em cima do fogão grande. A um canto, junto à parede, ficava a mesa de jantar e um banco. Outro canto dessa divisão estava dividido para os pais de Gorbachev, para que tivessem uma amostra de privacidade logo quando se casaram. Não havia banheira, acrescenta. Lavavam-se em água aquecida numa selha³⁵.

A divisão seguinte, do outro lado de um pequeno vestíbulo, era onde se guardavam as alfaias agrícolas — arneses, chicotes, etc. — e os cereais. Por cima havia um sobrado para onde Gorbachev costumava trepar, «um sítio confortável onde por vezes adormecia». Aí, certa vez encontrou uma saca cheia de rolos grossos de papel, antiga moeda czarista. «Era inútil, mas o Avô Andrei pensava, “talvez um dia...”»³⁶ Pelo menos numa ocasião, Mikhail dormiu ao lado de um vitelo recém-nascido, com um ganso a chocar os ovos ali perto³⁷.

Outra porta dava para o espaço onde se guardava o gado. O único calor em todo o complexo provinha do fogão, além do gerado pelos animais e pelas pessoas que residiam na casa. «Lembro-me bem de tudo», recorda Gorbachev. «Em pequeno trepava para cima de tudo».

A casa apinhada e a tensão entre gerações levaram os pais de Gorbachev a querer uma casa própria. Pantelei construiu uma cabana para a filha e para o genro perto da do Avô Andrei, e conseguiu que Sergei Gorbachev recebesse formação como condutor de trator e de ceifeira-debulhadora.

Entretanto, a fome instalou-se, custando a vida, segundo Mikhail Gorbachev, a «entre um terço e metade dos aldeões. Morreram famílias inteiras, pelo que, muito antes da chegada da guerra, havia cabanas em ruínas, abandonadas pelos proprietários, espalhadas pela aldeia como órfãos»³⁸. Depois teve lugar a prisão do Avô Andrei, em 1934. A Avó Stepanida ficou a braços com dois filhos mais pequenos, pelo que o pai de Gorbachev teve de cuidar de todos. A detenção de Andrei marcou a família como sendo uma de que «ninguém precisava», e a localização da casa, no extremo da aldeia, acentuou o isolamento. Todavia, Andrei regressou em breve, e o Avô Pantelei ajudou o genro a conseguir um emprego na Estação de Máquinas Agrícolas (EMA). Em contraste com os coletivos agrícolas, uma EMA estatal era uma «forma de propriedade mais elevada», com os trabalhadores a serem classificados como proletários e não como camponeses. Sergei ficaria com um estatuto mais elevado e como um salário maior do que os familiares camponeses, além de, em breve, vir a quebrar recordes de colheita e a ser elogiado no jornal do distrito³⁹.

EM 1937, PANTELEI FOI promovido para o gabinete de aquisições distrital que geria as entregas de cereais e outras safras. Nesse mesmo ano foi detido durante a Grande Purga. As «quotas» estabelecidas por Moscovo determinavam o número mínimo de detidos. Admoestado mais tarde por

exceder a sua quota, um oficial da polícia de um distrito vizinho replicaria «Mas os outros estavam a prender tantos. Será que sou pior do que eles»⁴⁰? Pantelei era um alvo convidativo para todos quantos invejassem a sua autoridade, ou os que houvessem sofrido com ela. Uma das grandes ironias das purgas de Estaline era o facto de serem genuinamente populares entre os camponeses que detestavam os oficiais locais que os haviam coletivizado⁴¹. Seguindo o padrão estalinista, Pantelei foi detido a meio da noite. A esposa Vasilisa mudou-se para Privolnoye para viver com os pais de Gorbachev. «Lembro-me», recorda-se ele, «de como, depois da detenção, os vizinhos começaram a evitar a nossa casa, como se estivesse infetada; como só à noite, e às escondidas, alguém mais próximo nos visitava por breves momentos. Até as crianças da vizinhança me evitavam. Isso espantava-me, e acompanhou-me durante toda a vida»⁴².

Pantelei ficou na prisão durante catorze meses. Condenado à morte, sobreviveu quando o procurador regional reduziu a acusação, do crime capital de liderar uma «organização contrarrevolucionária trotskista de direita secreta» para o menos grave «mau desempenho de cargo». Libertado em dezembro de 1938, regressaria a Privolnoye. Nesse mesmo serão de inverno, recorda-se Gorbachev, os familiares mais chegados sentaram-se à mesa tosca na cabana dos pais enquanto Pantelei, a chorar, narrava o que lhe fora feito. «O interrogador cegou-o com uma luz forte, partiu-lhe os braços empurrando-o contra a porta, e espancaram-no com brutalidade. Como essas torturas “normais” não resultaram, inventaram novas: embrulharam o avô numa pele de ovelha molhada e puseram-no em cima de um fogão quente. O Pantelei Efimovich suportou isso e muito mais»⁴³.

Ao regressar da prisão, Pantelei era um homem completamente «diferente»⁴⁴. Nem ele, nem ninguém da família voltou a falar sobre o calvário. Mas o facto de ele o ter narrado sequer uma vez foi, em si próprio, um caso raro, e isso viria a ter um efeito marcante no neto. A maioria dos sobreviventes do terror nunca comentou os pormenores daquilo por que passaram, pelo que as famílias mantiveram uma opinião mais favorável do regime, opinião essa que mais tarde viria a tornar-se profundamente negativa, quando a verdade foi por fim revelada por Nikita Khrushchev, no «discurso secreto» de 1956 em que acusava Estaline⁴⁵. Nesse sentido, Gorbachev sempre teve uma opinião mais equilibrada, embora o avô, apesar do que sofreu, nunca deixasse de ser um crente: «O Estaline não sabe o que fazem os órgãos do NKVD», dizia ele. O silêncio da família Gorbachev não significava que estivessem a tentar esquecer; tinham medo de recordar. E também

Gorbachev manteve o silêncio. Mesmo depois de se tornar um elemento de destaque do partido em Stavropol, mesmo quando foi membro do Comitê Central do partido, mesmo depois de se tornar secretário-geral do partido e depois presidente da URSS, mesmo depois de condenar ferozmente Estaline e o Estalinismo, Gorbachev nunca pediu para ver os registos da detenção e do interrogatório de Pantelei até que o golpe de agosto de 1991 quase o afastou do poder. Seria arriscado para Gorbachev fazê-lo durante as décadas de 1960 e 1970, quando o regime de Brezhnev procurava, em parte, reabilitar Estaline após os ataques de Khrushchev. Mas mesmo depois de ser o principal destalinizador do país? «Havia uma espécie de barreira psicológica que eu não conseguia atravessar», recorda Gorbachev⁴⁶.

EM 1941, A VIDA estava a melhorar em Privolnoye. Nas lojas voltava a aparecer calçado, tecido de algodão, sal, arenque, fósforos, sabão e querosene. O coletivo agrícola começara finalmente a pagar aos camponeses os cereais há muito prometidos. O Avô Pantelei trocou o telhado de colmo da cabana por telhas. Havia gramofones à venda. Ocasionalmente usavam-se projetores portáteis na aldeia para passar filmes mudos. «O auge da delícia para nós, crianças», recorda Gorbachev, «era quando, por vezes, aparecia gelado vindo de algures. E nos domingos de verão, as famílias faziam piqueniques nas florestas, com os homens a cantarem canções populares russas e ucranianas lânguidas, bebiam vodca, e por vezes andavam à pancada. Os meninos jogavam à bola, e as mulheres trocavam mexericos e ficavam atentas aos seus homens»⁴⁷.

Antes da alvorada de domingo, 22 de junho de 1941, os alemães atacaram a URSS. Ao meio-dia, os aldeões de Privolnoye juntaram-se à frente da coluna de um rádio (o único na povoação) na praça central e ouviram, quase sem respirar, o anúncio oficial. «Talvez pareça um exagero», continua Gorbachev, «mas lembro-me de tudo sobre a guerra. Esqueci-me de muito daquilo por que passei depois da guerra, mas as imagens e os acontecimentos do tempo de guerra ficaram-me gravados na memória para sempre. Quando a guerra começou, eu tinha dez anos de idade»⁴⁸.

Em primeiro lugar, ele recorda-se da partida do pai para a frente. Quando chegaram as primeiras guias de marcha, entregues à noite por cavaleiros do centro de recruta distrital, Sergei Gorbachev recebeu um breve adiamento até que a colheita estivesse terminada. Depois, numa manhã de agosto, a família juntou-se numa carroça e dirigiu-se ao centro do distrito,

Molotovskoye (mais tarde Gatchina), a vinte quilómetros de distância. Lá chegados, a praça estava cheia de outras famílias, com os soluços das mulheres, das crianças e dos idosos a «fundir-se num carpir lancinante». O pai de Gorbachev comprou-lhe gelado pela última vez (que o jovem Mikhail engoliu de uma vez naquele dia abrasador) e ofereceu-lhe uma balalaica como recordação, onde Gorbachev gravou a data 3 de agosto de 1941⁴⁹.

Com a partida de todos os homens capazes, em Privolnoye só ficaram mulheres e crianças, os doentes e os velhos. O primeiro inverno chegou cedo e com força. Um nevão intenso a 8 de outubro cobriu tudo. Por enquanto havia que comer, embora não para o gado; também havia pouco ou nada com que aquecer as cabanas. As mulheres tiveram de se juntar todas para limpar a estrada e carregar feno. Certa vez, Maria Gorbachev e várias outras passaram três dias ausentes na limpeza das estradas. Havia sido detidas e aprisionadas por retirarem feno dos montes do estado para os trenós, mas, sendo esposas de soldados a servirem na frente e com filhos à espera de comer em casa, foram libertadas⁵⁰.

Os rapazes como Gorbachev eram obrigados a fazer o trabalho dos pais ausentes, «passando da infância», recorda Gorbachev, «para a idade adulta naquele momento»⁵¹. Chegada a primavera, ele cuidava da horta que alimentava a família. A mãe levantava-se antes da alvorada e começava a cavar e a mondar, passando-lhe depois a responsabilidade enquanto ia trabalhar nos campos do colcoz. A principal tarefa de Gorbachev era carregar feno para a vaca da família e combustível para o fogão. Como as florestas eram escassas na estepe, os aldeões usavam estreme de vaca comprimido para cozer pão e para cozinhar, e silvas para aquecer a casa. Gorbachev trabalhava sozinho, «mas, de vez em quando, esquecia-me de tudo, enfeitado pelos nevões ou pelas folhas que murmuravam na horta, no verão, e dava comigo transportado para um lugar distante, irreal, mas ansiosamente desejado, o reino de sonhos das fantasias de um menino»⁵². Estaria Gorbachev a sonhar com algo semelhante ao futuro brilhante que o aguardava? «Não sonhava com nada específico», respondeu numa entrevista, só que estava num sítio longe dali»⁵³. Talvez quisesse parecer modesto. Mais tarde diria a outro amigo que «Não sei porquê, acreditava que havia um futuro completamente diferente à minha espera»⁵⁴.

Quando chegavam cartas do pai de Gorbachev, a mãe analfabeta dava uma resposta ao filho, ou então era ele que as escrevia por iniciativa própria. O pai de Gorbachev assinava o jornal do partido comunista, o *Pravda*. Agora, quando o periódico chegava, era Mikhail quem o lia,

primeiro sozinho e depois, sentado em cima de um fogão enorme, para as mulheres que ao serão se reuniam na casa de alguém para estarem juntas e para ouvirem as últimas notícias. Certo dia chegou um opúsculo dentro de um exemplar do *Pravda*, onde se narrava a história heroica e bastante difundida da jovem guerrilheira, Zoya Kozmodemianskaya, que fora enforcada pelos Nazis. Gorbachev leu em voz alta para quem ali se reunira. «Ficaram chocados com a crueldade dos alemães, e com a coragem da jovem comunista»⁵⁵.

Durante bastante tempo, as notícias que Gorbachev leu aos vizinhos não foram boas. Antes de 1941, ele e outros rapazes brincavam habitualmente «à guerra» nas hortas atrás das casas, marchando, «invadindo» cabanas vazias em ruínas que haviam sido abandonadas durante a fome de 1932, «disparando» uns contra os outros, e cantando canções patrióticas de incentivo. Imaginavam que os alemães iam «levar na boca» se invadissem o país. No entanto, não demorou para que o inimigo chegasse às portas de Moscovo e perto de Rostov-do-Don, a cerca de 350 quilómetros de Stavropol. No verão de 1942, os refugiados atravessavam Privolnoye, carregados com mochilas e sacos, a empurrar carrinhos de bebé ou carrinhos de mão, trocando os seus pertences por comida, conduzindo vacas, cavalos e ovelhas à frente deles⁵⁶. Pantelei e Vasilisa, temendo o que os alemães pudessem fazer ao presidente de um coletivo agrícola, fugiram para parte incerta. As autoridades locais despejaram tanques de combustível para o rio Yegorlyk e deitaram fogo a campos que ainda não haviam sido colhidos. A 27 de julho, as tropas soviéticas que haviam abandonado Rostov atravessaram Privolnoye, a caminho de leste, com um ar carregado e exausto, os rostos marcados, assim recorda Gorbachev, «pela mágoa e pela culpa». Os rebentamentos, o ronco de artilharia pesada, o som dos disparos aproximaram-se cada vez mais, e então, de repente — dois dias de silêncio. Ao terceiro dia, os alemães irromperam pela aldeia de motorizadas, seguidos por tropas de infantaria. Quando os Nazis apareceram, Misha Gorbachev e dois primos ficaram a vê-los. «Vamos fugir», gritou um primo, mas Gorbachev diz que o impediu: «Para! Não temos medo deles!» lembra-se de lhe dizer⁵⁷.

Pelo menos um dos soldados alemães parecia amigável, mostrando aos miúdos fotografias dos seus filhos. Outros apoderaram-se de tudo aquilo de que precisavam: gado, porcos, galinhas, cereais. Ao encontrarem Gorbachev e os amigos escondidos num poço, os alemães obrigaram-nos a ir buscar água⁵⁸. «Tivemos de os servir», insiste Gorbachev. «Não tivemos alternativa». Em breve, a maioria dos alemães avançou para Molotovskoye,

deixando desertores do Exército Vermelho, teoricamente com a missão de policiarem Privolnoye, por sua conta — beberam, roubaram e violaram⁵⁹. A mãe e a avó de Gorbachev tentaram não mostrar medo. Vasilisa regressara quando os alemães chegaram a Stavropol. (Pantelei conseguiu escapular-se pelos milheirais e pelos canais.) Não demorou a ser detido pela polícia, que saquearam a casa de Gorbachev. «A Mãe nem estremeceu», recorda Gorbachev. «A coragem dela refletia-se não só no seu caráter — era uma mulher forte —, mas também no desespero por não saber como tudo aquilo iria acabar». Houve aldeões que a ameaçaram, dizendo «Bem podes esperar... Já não estás com os Vermelhos». Os Gorbachevs ouviram falar de execuções em massa nas povoações vizinhas e num massacre de comunistas, supostamente planeado para 26 de janeiro de 1943. Maria e o Avô Andrei decidiram então esconder Mikhail na quinta de Andrei, a vários quilómetros de Privolnoye. Certa noite, Gorbachev e a mãe meteram-se a caminho, mas perderam-se no escuro, só encontrando a quinta quando, no meio de uma trovoada violenta, os clarões dos relâmpagos lhes iluminaram o caminho. Mas a 21 de janeiro, as tropas soviéticas libertaram Privolnoye⁶⁰.

Durante a ocupação, os alemães recrutaram um idoso, conhecido pelos aldeões como Avô Savka, para que servisse como ancião da aldeia. De acordo com Gorbachev, Savka resistiu à atribuição até que os vizinhos o convenceram de que seria melhor que um dos seus os representasse perante as forças de ocupação. «Todos sabiam que ele fizera o que pudera para proteger o povo», havendo mesmo quem se atrevesse a dizê-lo quando, mais tarde, Savka foi detido pelos soviéticos e condenado a dez anos por «trair a Pátria». A par do que fora feito aos seus avós, para Misha Gorbachev, esta era mais uma prova da injustiça soviética. Não que uma criança de doze anos de idade o compreendesse totalmente, mas ele sabia que o Avô Savka fora levado e mais tarde viria a descobrir que morrera na prisão como «inimigo do povo».

A retirada alemã deixou Privolnoye em ruínas, sem máquinas, gado do colcoz ou sementes. Chegada a primavera, foram as vacas dos camponeses individuais que puxaram os arados. «Ainda consigo ver a cena», continua Gorbachev, «as mulheres lavadas em lágrimas, os olhos melancólicos das vacas». Mas como as vacas eram tudo o que tinham para alimentar as famílias, por vezes eram as mulheres que puxavam os arados. Nesse outono, a colheita foi mínima, mas seria requisitada pelo estado, deixando os camponeses quase sem nada que comer. A fome voltou a fazer-se sentir nesse inverno e primavera. Gorbachev só sobreviveu porque a mãe e algumas

outras mulheres aparelharam dois bois sobreviventes a uma carroça e partiram para a região de Kuban. Levava com ela dois pares de botas de cabedal do marido, mais um fato que ele nunca vestira, tencionando trocá-los por milho. Deixou o filho em casa, embora a tia Sanya passasse a noite na cabana. «A Mãe pegou no milho que nos restava e mediu uma caneca por dia para mim», recorda Gorbachev. «Eu fazia sêmola e preparava kasha. Passou uma semana, depois duas, e a Mãe não voltava. Só ao décimo quinto dia é que ela chegou com uma saca de milho, trinta e dois quilos. Foi a nossa salvação»⁶¹.

Quinze dias era muito tempo para um menino de doze anos ficar praticamente sozinho durante a guerra, sem qualquer garantia de que algum dos pais regressasse. Demoraria ainda mais tempo até que entregassem mantimentos em Privolnoye. Entretanto, recorda Gorbachev, não havia «roupas, calçado, sal, sabão, querosene para os candeeiros, fósforos». Os aldeões remendavam o calçado e a roupa, e quando estes se desintegravam, plantavam cânhamo que era tecido em camisas («que pareciam ser feitas de madeira»), faziam vestes exteriores com lã, botas com couro demolhado em petróleo, acendiam lume com pederneira e algodão impregnado em cinzas, e faziam «fósforos» com TNT de bombas antitanque. «Tivemos de aprender a fazer tudo a partir do nada», recorda Gorbachev com orgulho, e «eu aprendi tudo na perfeição. Encontrei um velho cabo, adaptei-o, prendi-o ao eixo de uma máquina, e transformei aquilo num aparelho para plantar milho (...) Imagine, a partir dos treze anos, o meu trabalho era amontoar feno para a nossa vaca, ceifar os arbustos que usávamos como combustível, e amontoá-los. O trabalho alargou-me os ombros. Era um trabalho físico duro»⁶².

Lidar com as provações da guerra fortaleceu a confiança e a autoestima de Gorbachev. Em 1944 teve lugar um acontecimento marcante na sua relação com a mãe. Gorbachev tinha treze anos quando «ela pegou num cinto e empunhou-o, ameaçando voltar a bater-me. Peguei nele, tirei-lho e disse “Chega! Acabou-se!” Ela ficou lavada em lágrimas — porque eu era a última coisa que ela podia controlar, e agora perdia isso»⁶³. Regra geral eram os pais que administravam a disciplina nas casas camponesas. Ser açoitado pela mãe aos treze anos e fazer o trabalho do pai ausente era devastador. A mãe sempre fora responsável pela disciplina? «Ela não era responsável por nada», responde Gorbachev sombriamente. Quando ele se comportava mal, ela ameaçava contar ao pai quando este chegasse a casa. «Mas o Pai e eu tínhamos uma relação especial». E a mãe de

Gorbachev também se ressentia disso. «Ela nunca me perdoou pela forma como eu defendia o meu pai. “O teu pai é o teu preferido”, dizia-me ela. Eu respondia-lhe “Também és a minha preferida, mas não percebeste que eu cresci”»⁶⁴.

Ele e a mãe teriam de «resolver as coisas entre nós», diz Gorbachev, «e começámos a tratar disso rapidamente». Quase setenta anos depois, recordando como a mãe sempre esteve a seu lado durante a guerra, ele insiste, «Eu adorava a minha mãe. E o meu pai também — até à sua morte. Ela era uma mulher linda, muito forte e direta. O Pai orgulhava-se dela; perdoava-lhe a arrogância e ajudava-a em tudo. E isso serviu de bom exemplo, tanto a mim como ao meu irmão»⁶⁵. Mas não foi um exemplo fácil de seguir.



Mikhail Gorbachev com a mãe, Maria Gopkalo, no dia em que o pai partiu para a frente na Segunda Guerra Mundial, agosto de 1941.

Quando Gorbachev foi promovido para Moscovo, em 1978, pediu a Raisa Gudarenko, a jovem líder do partido de um distrito próximo de Privolnoye, que cuidasse da sua mãe envelhecida. De acordo com Gudarenko, Maria Gorbachev era fisicamente forte (tendo coberto o

telhado da casa de família de colmo, quando já não era nova), «extremamente direta» quanto àquilo de que gostava e não gostava, e «exteriormente severa». A mãe de Gorbachev era fanática pela ordem: tudo em sua casa tinha de estar como ela queria. Quando tinha visitas, era ela quem «cobria a mesa» de comida e bebida, mesmo podendo outros fazer isso por ela. Recusava-se a ter ajuda doméstica e lavava a sua própria roupa. Embora a sua casa dispusesse de uma casa de banho moderna, ela insistia em usar o anexo exterior para poupar a pouca água para os outros aldeões⁶⁶.

Fosse o que fosse que Gorbachev pensasse da mãe, escolheu uma esposa que se assemelhava a ela no seu perfeccionismo.

NO VERÃO DE 1944, Gorbachev e a mãe receberam uma carta da frente, contendo os documentos de Sergei Gorbachev e fotografias de família, que os informava de que ele sofrera «a morte dos corajosos» nos Cárpatos. «A família passou três dias a chorar», recordou Gorbachev, «e depois — recebeu uma carta do Pai, a dizer que estava vivo e de saúde». Ambas as cartas tinham a data de 27 de agosto. Teria escrito a dele antes de ser morto em combate? Quatro dias mais tarde chegou outra carta dele, provando que sobrevivera. Gorbachev respondeu ao pai, queixando-se de quem havia induzido a família em erro. «Não, meu filho, estás a culpar injustamente os soldados», replicou Sergei Gorbachev. «Na frente, tudo pode acontecer». Gorbachev não gostou de ser repreendido pelo pai, mas aprendeu mais uma lição com a justiça dele⁶⁷.

Para Sergei Gorbachev, a guerra terminou em finais de 1944, altura em que foi gravemente ferido pela explosão de uma bomba que lhe deixou um grande estilhaço alojado na perna. «Ele podia ter morrido dezenas de vezes», espanta-se Gorbachev. O pai recebera uma Medalha de Valor por atravessar o rio Dniepre sob bombardeamento intenso, e duas Ordens da Estrela Vermelha. Certo dia, em 1945, alguém chegou a correr junto a Misha e gritou, «O teu pai vem aí». «De início, não acreditei, mas depois vi-o. Aproximámo-nos um do outro. Ele olhou-me. Não é fácil descrever o que sentíamos. Ele agarrou-me e abraçou-me. Viu que eu estava a usar uma camisa áspera feita de cânhamo, e calças, também ásperas, de lã, feitas em casa. Estava descalço, mas era saudável. Ali fiquei. Voltou a olhar-me e disse uma coisa que nunca mais esqueci: “Lutámos até ficarmos sem luta”, disse ele. “É assim que tens de viver a tua vida”»⁶⁸.

Sergei Gorbachev nunca superou o que vira e aquilo por que passara na

guerra — nem o filho. Tanto na altura como, sobretudo, mais tarde, quando pai e filho trabalhavam juntos horas seguidas nos campos, Sergei recordava os horríveis primeiros meses de guerra, quando os soldados do Exército Vermelho se viam obrigados a combater sem espingardas, ou dois homens partilhavam uma arma, ou então pegavam nas carabinas dos camaradas tombados e prosseguiam a luta. Descreveu soldados a serem ceifados por metralhadoras. Lembrou momentos de combate corpo a corpo tão brutais e sangrentos que depois precisava de horas para se recuperar: «Éras tu ou ele; batias, rasgavas, disparavas, como um animal». O pai de Gorbachev combateu em Kursk (a maior batalha de tanques de sempre) e ajudou a libertar Kiev e Carcóvia. Certa vez, quando o grupo de sapadores de Sergei Gorbachev não conseguiu rebentar uma ponte crucial, os oficiais ameaçaram os elementos do grupo com execução. O próprio Mikhail Gorbachev testemunhou os horrores da guerra. No final do inverno de 1943, quando ele e os amigos procuravam armas alemãs abandonadas num troço remoto de floresta, depararam-se com os restos mortais de soldados do Exército Vermelho, os quais observou com atenção e descreveu de forma comovente: «cadáveres em decomposição, parcialmente devorados por animais, caveiras em capacetes enferrujados, ossos descarnados, espingardas protuberantes das mangas das jaquetas apodrecidas (...). Ali jaziam, na lama funda das trincheiras e das crateras, por enterrar, a fitar-nos com as suas negras órbitas vazias»⁶⁹.

Poderão tais experiências ajudar a explicar a extraordinária relutância, por parte de Gorbachev, de usar força e violência para manter o império soviético depois de se tornar líder soviético supremo? Talvez por essa relutância, tão admirada no Ocidente, ser profundamente condenada na Rússia, ele recusou-se a responder a essa pergunta aquando de uma entrevista.

GORBACHEV TINHA CATORZE ANOS de idade quando a guerra terminou. Durante a guerra, a escola da aldeia de Privolnoye esteve dois anos encerrada, reabrindo no outono de 1944. Nessa altura, Gorbachev não sentia grande vontade de estudar. «Depois de tudo aquilo por que passara, não me parecia uma perspetiva séria. Ademais, não tinha nada que vestir na escola». Ao saberem disto, segundo recorda Gorbachev, os pais e o avô materno ficaram consternados e «cercaram-me, como seu eu fosse um lobo»⁷⁰. «Vende tudo o que temos», escreveu Sergei Gorbachev, ainda na frente, à esposa, «roupas e calçado, e compra livros. O Mikhail tem de estudar»⁷¹.

«Levas as minhas botas», acrescentou o Avô Pantelei. «Mas não tenho casaco», argumentou o neto. «Levas o meu casaco», retrucou Pantelei. «Tens de estudar, Mishka. Isso é essencial para te tornares uma pessoa a sério. Estuda bem!»⁷²

Gorbachev foi para a escola, a dois quilómetros e meio da cabana da família, com roupas que lhe estavam muito largas. Mas ele ficara «para trás». «Cheguei, sentei-me, ouvi, não percebi nada. Não fiquei, fui para casa, dei-te fora o único livro que tinha, e anunciei à minha mãe que não ia voltar». A mãe obstinada ficou lavada em lágrimas quando ele lhe contou, mas daí a pouco saiu, levando consigo alguns bens que trocou por pilhas de livros com que regressou, ao fim do dia. Gorbachev insistiu que não voltaria à escola. Mas «depois comecei a folheá-los, a ler, e fiquei entusiasmado. A Mãe deitou-se, mas eu continuei a ler [sobretudo um manual de língua russa]. Nessa noite deve ter-se passado qualquer coisa na minha cabeça, pois pela manhã levantei-me e fui para a escola. No fim do ano obtive um certificado de mérito e, a partir daí, passei sempre com “distinção”»⁷³.

O que aconteceu nessa noite foi um ponto de viragem revelador. Por um instante, a crescente autoconfiança de Gorbachev foi ensombrada pelo medo — medo de fracasso e de humilhação. Mas então, a mãe tão amiúde severa, voltou a mostrar-lhe o seu amor. A partir daí, Gorbachev começou a associar o êxito na vida com a leitura e o pensamento, e também com a liderança dos seus pares. «Desde bem cedo», diria ele mais tarde, «sempre gostei de ser um líder entre os meus pares — era essa a minha natureza»⁷⁴. Claro que, primeiro, os seus colegas de escola e os professores teriam de tornar as escolas utilizáveis. Dispunham apenas de um punhado de manuais, mapas, auxiliares visuais e algum giz. «O resto tivemos de preparar com as nossas mãos»⁷⁵. Em vez de um caderno, teve de usar as margens do manual de instruções do trator do pai. Os alunos faziam a sua própria tinta. Juntavam-se para alimentar cavalos fracos e emaciados, de modo a poderem transportar combustível para aquecer as salas de aulas. Gorbachev ajudou a organizar um serão de entretenimento amador, onde se angariaram 1385 rublos que serviram para adquirir dez pares de sapatos e quatro conjuntos de roupa interior para os alunos ainda mais pobres do que ele⁷⁶.

Em 1946, enquanto ainda frequentava a pequena escola primária de Privolnoye, juntou-se à Komsomol. No muito maior liceu (situado no centro distrital, com cerca de mil alunos), Gorbachev tornou-se líder da Komsomol, organizando os colegas numa série de atividades «políticas»: um serão de

debate sobre «A Família Ulianov [o verdadeiro nome de Lenine]»; uma «sessão de informação política» sobre acontecimentos internacionais; um debate sobre um romance, muito estimado por Estaline, de Viktor Nekrasov intitulado *Nas Trincheiras de Estalinegrado*; a edição de uma revista chamada «A Pequena Alvorada»; a preparação de um artigo, «Vamos Falar Sobre o Nosso Horário de Estudo», para o jornal de parede «Jovem Estalinista»⁷⁷. Gorbachev foi uma estrela na escola, mas nem todos gostavam dele. «Da infância em diante», confessaria mais tarde, «sempre quis espantar toda a gente». Ou, tal como diria numa outra ocasião, «Habituei-me a desmandar nas pessoas; sempre quis desenvolver-me». Chegada a altura de eleger um líder da Komsomol, sete grupos de alunos de sete aldeias próximas nomearam, cada um, o seu candidato. Quando Gorbachev se sentou, depois de falar, alguém puxou a cadeira e ele caiu ao chão. Queria isso dizer que alguns dos seus pares não estavam tão ansiosos por tê-lo como líder como ele estava ansioso por liderá-los? «Na verdade», gracejaria ele, sessenta e cinco anos depois, perante uma audiência composta por estudantes americanos, «isso ajudou-me a ser eleito»⁷⁸. Em breve seria nomeado para o comité da Komsomol como representante do distrito.



Finalistas do oitavo ano da escola Privolnoye, 1947.
Gorbachev está mais à esquerda na fila de cima.

Gorbachev lia tudo aquilo que lhe chegava às mãos. Passou três dias num palheiro a ler *The Headless Horseman*, de Thomas Mayne Reid. Reid (1818-1883) foi um autor americano-irlandês cujas histórias de aventuras

eram muito lidas entre os adolescentes soviéticos. Inspirados por essas narrativas, os jovens brincavam aos índios e aos *cowboys*, com a diferença de que na URSS, os índios eram os «bons da fita». Durante os anos seguintes, Gorbachev enveredou por uma cultura mais elevada; numa parca biblioteca escolar encontrou uma antologia do trabalho de Vissarion Belinsky, o filósofo radical e crítico literário da primeira metade do século XIX. Inimigo ferrenho do regime czarista e fervoroso defensor da *intelligentsia* de influência ocidental que se autoproclamou socialista logo em 1841, o extraordinariamente intenso Belinsky foi, a um tempo, uma revelação e uma inspiração para Gorbachev. O livro «tornou-se a minha bíblia. Fui arrebatado por ele. Li-o vezes sem conta e nunca o largava». Quando escreveu as suas memórias, no início da década de 1990, Gorbachev ainda tinha o exemplar que lhe fora dado em 1950, como primeiro rapaz da sua aldeia a estudar na Universidade de Moscovo: «Tenho o livro na mão neste preciso momento. Aquilo que me interessou, aquilo a que prestei mais atenção, foi as proclamações *filosóficas* do crítico»⁷⁹.

De Belinsky, Gorbachev avançou para Pushkin, Gogol e, sobretudo, Lermontov. Esse poeta do Cáucaso do início do século XIX morrera jovem num duelo em Piatigorsk, a cerca de cento e noventa quilómetros de Privolnoye. O romantismo de Lermontov cativou-o; «Sabia de cor não só os poemas mais curtos, mas também os de maior fôlego». De seguida deixou-se fascinar por Mayakovsky — mais poesia carregada de amor romântico, anelo erótico e rebeldia. «O que me maravilhava então, e ainda me deslumbra, era como estes jovens autores conseguiam elevar-se a um nível em que realizavam generalizações filosóficas. Isso era uma dádiva divina!»⁸⁰ Inicialmente atraído pelas reflexões filosóficas dos autores, mais tarde, enquanto líder soviético, aspirava chegar, ele próprio, a esse nível intelectual.

Contudo, primeiro chegou o nono ano de escolaridade. Gorbachev frequentou o liceu em Molotovskoye, a capital de distrito a vinte quilómetros de Privolnoye. Hoje em dia, essa distância é rapidamente percorrida de carro por uma boa autoestrada que, no verão, está ladeada por campos verdes onde hectares de girassóis se estendem a perder de vista. Em 1948, Gorbachev e os colegas de Privolnoye percorriam a pé a estrada de terra em pouco menos de duas horas, indo para casa, depois do final das aulas, ao sábado à tarde e regressando ao final do dia de domingo. De vez em quando apanhavam boleia num carro de bois que transportasse leite para uma queijaria em Molotovskoye, mas, regra geral, atravessavam campos e cruzavam montes e cabeços, mesmo no pino do inverno. Em casa abasteciam-se

para a semana que se avizinhava (com banha, carne de porco, pão e doces) e as mães tratavam-lhes da roupa. Durante a semana, Gorbachev e dois outros rapazes de Privolnoye partilhavam um quarto na povoação⁸¹. Era agora, tal como diria mais tarde, «uma pessoa totalmente independente». Ninguém lhe «controlava os estudos». Como poderiam, tendo os pais e restantes familiares um mínimo de formação? «Os meus pais consideravam-me suficientemente adulto para cuidar de mim próprio, sem que me incitassem e motivassem. Só uma vez consegui convencer o meu pai a estar presente numa reunião de pais na escola. Mas quando cheguei à idade de começar a frequentar festas e passar tempo com os amigos, o meu pai disse à minha mãe que “Parece que o Mikhail começou a chegar tarde a casa. Diz-lhe alguma coisa”»⁸².



A mãe de Gorbachev com os dois filhos, Mikhail e Aleksandr, nunca antes de 1948.

A escola, alojada num antigo *gymnaziium* da era czarista ainda em uso décadas mais tarde, e que atualmente exhibe uma placa junto à entrada que diz «O Primeiro Presidente da URSS Estudou Aqui», é um grande edifício de primeiro andar, com salas de aulas de ambos os lados de um comprido corredor que leva a uma escadaria de ferro decorada com intrincados ornamentos metálicos. Em 2005, os professores mostraram a convidados uma sala com filas de carteiras de madeira viradas para um quadro de ardósia, indicando aquela onde Misha Gorbachev se sentava. (Ao que parece, ele não gravou as suas iniciais na madeira.) De acordo com um colega de

turma, «Estávamos todos a receber formação, mas o Gorbachev era um aluno particularmente ávido, com um grande apetite por conhecimento. Depois das aulas íamos todos estudar. Depois encontrávamo-nos e regressávamos à escola, que era uma espécie de segunda casa. Ou então íamos ver um filme. Se encontrávamos um professor, incomodá-lo era considerado uma falta de educação, mas, e nunca mais me esqueço, ele dirigia-se a uma professora de matemática e dizia que não tinha percebido qualquer coisa na aula. Depois ficava com ela uns dez ou quinze minutos antes de o filme começar, e ela explicava-lhe»⁸³.

Outros procuravam Gorbachev para que resolvesse disputas e mediasse conflitos. Ele próprio não gostava de brigar, segundo recordam — mas não que tivesse medo; pura e simplesmente, era algo que ia contra a sua essência —, mas sabia defender-se. Um familiar lembra-se de bater em Gorbachev e noutro pequeno, «só pela maldade. Eu era um pouco mais velho do que o Mikhail, que era da idade do meu irmão. Batia-lhes aos dois, mas, quando cresceram, eles agarraram-me, saltaram-me para cima e deitaram-me ao chão»⁸⁴.

Gorbachev parecia um líder natural. «Era um excelente organizador», recorda um colega de liceu. «As pessoas gostavam dele e confiavam nele. Era honesto e justo, era trabalhador e sabia fazer amigos». Cinco décadas depois, Gorbachev comentaria que «estava habituado a ser um líder desde pequeno. Era uma ambição que sempre quis concretizar»⁸⁵. Ele organizava atividades desportivas e sociais. Liderava a aula de ginástica da manhã, gritando para um megafone, «Turma pronta! Um, dois, três, quatro! Um, dois, três, quatro!»⁸⁶ «O Mikhail adorava halterofilismo», recorda o colega de turma. «Levantávamos trinta e dois quilogramas 60 ou 70 vezes, primeiro arremessar, e depois levantar e baixar». Mas, sobretudo, adorava representar.

O grupo dramático da escola era de tal modo popular que os membros não podiam limitar-se a aderir, tendo, isso sim, de ser selecionados. A conselheira do grupo era a estimada professora de literatura Yulia Sumtsova; os membros reuniam-se amiúde em casa dela (onde residiam alguns dos que viviam mais longe), tanto para ensaiar como para estudar. Faziam os fatos com materiais fornecidos pelas mães (regra geral morim, o pano para o fabrico de queijo, recordam os colegas de turma, pois «não havia mais nada») e pedinchavam adereços, incluindo um tapete que o pai de alguém trouxera da Alemanha como parte dos despojos de guerra. Gorbachev tornou-se o protagonista do grupo. O que o atraía para a representação, diz ele, era «o desejo de confraternizar com os meus pares, mas também o desejo de me

expressar, de descobrir o que não conhecia». Também ajudava que Yulia Karagodina, uma jovem por quem teve um interesse mais do que efêmero, fosse a sua protagonista. Representaram juntos em *Snegurochka* (*A Donzela de Neve*), de Ostrovsky, e em *Mascarada*, de Lermontov.

Os espetáculos do liceu, onde se contou a encenação da *Rusalka* de Pushkin e de várias peças de Chekhov, não tinham lugar num palco, mas sim no fundo do corredor da escola, junto à escadaria de ferro. Os adultos assistiam à peça, e a trupe chegou a levar o espetáculo em digressão, representando nas aldeias do distrito e cobrando o ingresso, com as receitas a serem destinadas à compra de sapatos para os colegas que não tinham o que calçar na escola. Gorbachev diz que ele e os restantes atores não perdiam tempo a pensar se as peças que queriam encenar eram exequíveis. «Encenámos peças de todo o tipo de dramaturgos. Deve imaginar o resultado de algumas, mas nunca ficávamos embaraçados...» Um grupo de teatro itinerante de Stavropol foi vê-los. Depois de Gorbachev e seus colegas terem encenado a *Mascarada*, os atores profissionais «elogiaram-nos e teceram pelo menos um comentário de que ainda me lembro: Disseram-nos para não nos agarrarmos pela manga (...) durante o confronto entre Arbenin e Zvezdich. Disseram que na alta sociedade, as desavenças violentas desenrolavam-se de uma maneira um pouco diferente»⁸⁷.



Gorbachev (centro) numa encenação de *Masquerade*, de Lermontov, na escola secundária, 1948–1949.

O sentido de humor endiabrado de Gorbachev está patente nessa recordação. Também é visível o orgulho e o prazer com que se lembra da apresentação. «A verdade é que ele era muito bom ator», recorda Karagodina. A dada altura chegou a falar comigo (...) sobre candidatar-se a um instituto teatral»⁸⁸.

A PARTIR DE 1946, Gorbachev passou cinco verões seguidos a ajudar o pai a operar uma ceifeira-debulhadora imensa. Entre finais de junho e finais de agosto trabalhavam fora de casa. Ficavam no campo a cuidar da maquinaria, mesmo quando a chuva interrompia a colheita. «O Pai e eu tínhamos muitas discussões durante esses dias de “ócio”. Falávamos sobre uma grande variedade de tópicos — sobre o trabalho e sobre a vida. A nossa simples relação pai-filho transformou-se num laço entre duas pessoas que partilhavam uma causa e um trabalho comuns. O Pai tratava-me com respeito e tornámo-nos verdadeiros amigos»⁸⁹.

Ambos trabalhavam vinte horas por dia, até às duas ou às três da madrugada. Num esforço de colher os cereais com o tempo seco, trabalhavam sem parar, substituindo-se aos comandos da máquina gigantesca enquanto ela continuava em movimento. «O calor era infernal», recorda Gorbachev. «Havia pó por todo o lado, o barulho das máquinas nunca cessava. Quem olhasse para nós só via olhos e dentes: o resto da cara estava coberta de pó e de óleo. Houve alturas em que adormeci ao volante, depois de quinze a vinte horas a trabalhar. No primeiro ano sangrava habitualmente do nariz...»⁹⁰.

O trabalho era relativamente bem pago, tanto em numérico como em géneros, mas até uma família de um operador de ceifeira-debulhadora precisava de uma horta individual de modo a alimentar-se. A par disso, cada agregado familiar encontrava-se assoberbado com impostos e outras obrigações. Tivessem ou não gado, os camponeses deviam ao estado 120 litros de leite, mais manteiga e carne. Pagavam impostos por árvores de fruto, dessem ou não fruta, recorda Gorbachev, «por isso, os camponeses cortavam as árvores. Não havia escapatória: Não se emitiam passaportes aos camponeses (...) Haverá grande diferença da escravatura?»

Este tipo de reflexão terá, provavelmente, surgido mais tarde. O mesmo poderá ser dito em relação ao dilema com que Gorbachev se depa-rou ao fazer discursos exagerados sobre a política agrícola: «Não era fácil abster-me de fazer avaliações extremamente negativas, pois sabia como era a vida dos camponeses»⁹¹. Na altura, contudo, sentia-se a ganhar força

e confiança. Perdia cerca de cinco quilos todos os verões, mas «eu estava a ficar mais forte». Yulia Karagodina recorda o rosto dele nessa altura. «Estava tisonado pelo sol. Tinha as mãos cobertas de bolhas e calos»⁹². «Eu orgulhava-me desses calos», acrescenta Gorbachev. O pai ensinou-o tão bem que «num ano ou dois era capaz de reparar qualquer parte da máquina. Orgulhava-me, sobretudo, da capacidade de detetar de imediato um problema nas máquinas, só pelo som, e também de a trepar a partir de qualquer ponto, mesmo de onde a dobadora estava a girar e as lâminas se cruzavam»⁹³.

Esta passagem para a idade adulta foi marcada por outro rito. Quando, em 1946, a primeira safra do pós-guerra chegou ao fim, os homens da brigada de Sergei Gorbachev, na sua maioria antigos soldados da linha da frente, decidiram «brindar» ao fim e insistiram que o jovem Mikhail, na altura com quinze anos, fizesse o mesmo. «Vá lá, bebe um copo!» bradaram. «Está na altura de te tornares um homem a sério». Gorbachev olhou para o pai, que se riu. Quando lhe deram uma caneca, Gorbachev pensou que estivesse cheia de vodca, mas, na verdade, ela continha álcool puro. Havia uma ordem para o beber: Primeiro exalar, depois engolir e, finalmente, beber uma caneca de água fria. Mas Gorbachev bebeu-o de seguida. «O estado em que fiquei! Os homens riam-se à gargalhada, o meu pai mais do que todos eles»⁹⁴.

O ano de 1946 foi fraco, com fome a sentir-se em muitas regiões. De 95,7 milhões de toneladas em 1940, a safra de cereais soviética caiu para 39,6 milhões. Stavropol não foi a região mais atingida, com refugiados a acorrerem vindos de outras províncias, esperando trocar as suas posses por cereais. Em 1947, outro ano seco, a safra foi melhor (65,9 milhões de toneladas), mas continuou longe do ideal. A primavera de 1948 trouxe consigo tempestades de areia, mas depois a chuva deixou no ar a esperança de uma boa colheita. Antevendo a possibilidade de quebrar recordes de colheita, o que traria glória e prémios para todos os envolvidos, as autoridades locais prepararam as equipas para a batalha: duas poderosas ceifeiras-debulhadoras «Stalinist 6», operadas pelos melhores condutores do distrito, Sergei Gorbachev e o filho, e Yakov Yakovenko e o seu filho; dois potentes tratores S-80, conduzidos por outro veterano de guerra e por um membro do partido de confiança; um camião que fornecesse combustível aos campos; outros dois membros do partido que descarregassem os cereais da ceifeira-debulhadora, e outro veículo que os transportassem. Tanto as ceifeiras-debulhadoras como os tratores estavam equipados com holofotes para o trabalho noturno.

«Camarada Gorbachev Pronto a Ceifar», anunciava a edição de 20 de junho de 1948 do jornal do distrito, o *Estrada de Ilich*⁹⁵. A 25 de julho de 1948, a ceifeira-debulhadora de Sergei Gorbachev estava à frente, com 870 hectares ceifados. Vários dias mais tarde continuavam na dianteira, com 1239⁹⁶. Entretanto, o Presídium do Soviete Supremo da URSS decretou que todas as ceifeira-debulhadoras que ceifassem 8000 quintais de cereal (com um quintal a corresponder a um décimo de tonelada métrica) seriam agraciadas com a Ordem de Lenine. Sergei Gorbachev e o filho colheram 8888. De acordo com um colega de turma de Gorbachev, as autoridades planeavam recompensar apenas o pai, mas este pediu-lhes para partilhar a honra com o filho. Ao início, o pedido foi recusado, com o argumento de que uma Ordem de Lenine não podia ser dividida. Todavia, e segundo sugestão do pai, aos dezassete anos de idade, Mikhail Gorbachev recebeu uma das mais altaneiras honras da URSS, a ambicionada Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho, assinada pelo punho de José Estaline, com Sergei a ser o receptor da Ordem de Lenine.

Nesse outono, quando o prémio foi anunciado, os alunos da escola de Gorbachev reuniram-se para o celebrar. «Era a primeira vez que me acontecia algo do género (...). Sentia-me embaraçado, mas é claro que estava satisfeito»⁹⁷. Yulia Karagodina guardou um recorte de jornal com uma citação do discurso de Gorbachev: «A nossa felicidade, o nosso futuro, depende do trabalho, o mais importante fator na promoção da sociedade socialista. Agradeço, do fundo do meu coração, ao partido bolchevique, à Komsomol leninista e aos meus professores, por me ensinarem a amar o trabalho, a constância e o poder perene socialista.» Em 1991, Karagodina acrescentaria que era bem possível «que ele tenha realmente dito essas palavras (...). Não conhecíamos outro estilo de comunicação, e aquilo parecia-nos absolutamente natural»⁹⁸.

Yulia estava no décimo ano e Gorbachev no nono. «Forte, robusto e determinado», segundo as palavras delas, «Gorbachev tinha o notável talento de submeter todos à sua vontade». Ela lembra-se de Gorbachev a corrigir os professores de história, e certa vez, quando estava zangado com um professor, ameaçou, «“Quer continuar a dar aulas?” Ele era o tipo de pessoa que acreditava que tinha razão e podia prová-lo a toda a gente».

Certo dia, ele apareceu na casa de Sumtsova, onde Karagodina estava a estudar, para lhe pedir ajuda com um teorema matemático. A matemática era o ponto forte dela, com Gorbachev a preferir literatura e história. Quando ela começou a explicar-lhe o teorema, ele olhou em volta e

reparou num espaço vazio na página que ela estava a editar para o jornal de parede da escola. «Ainda não o acabaste?» admoestou-a. «É para ser afixado amanhã. A ver se o acabas até lá!» Yulia lembra-se de ter pensado, «Querem ver que ele agora também vai se vai armar em meu chefe?» e decidir reagir «não fazendo absolutamente nada». Dois dias mais tarde, durante uma reunião do comité da Komsomol, ele repreendeu-a à frente de todos. «Fiquei vermelha como um tomate», recorda ela. «Ele tinha levantado a voz, a disciplinar-me»⁹⁹. «Senti-me profundamente magoada. Estava a sair da escola, prestes a chorar, quando o Mikhail chega a correr e me convida para ir ver um filme com ele nesse mesmo dia.» Os membros do grupo de teatro costumavam ver filmes juntos, por vezes o mesmo, uma e outra vez, com Sumtsova a orientá-los com a representação. Mas agora, Karagodina ficou ainda mais ofendida: Como teria Mikhail coragem de a convidar para o cinema se a acabara de magoar daquela maneira? «Minha querida», replicou-lhe Gorbachev, «essas coisas nada têm que ver uma com a outra»¹⁰⁰.

A diretora da escola admirava Gorbachev. De acordo com um colega de turma, ela terá dito a Mikhail que «Tem um grande futuro à sua frente. Quando sair daqui poderá escolher o seu destino. Com essa medalha, qualquer universidade o aceitará». Talvez tenha sido por isso que, ao querer criticar Mikhail e Yulia por «passarem tanto tempo juntos que os colegas, ao vê-los, ficam com a ideia de que não precisam de se concentrar nos estudos», ela a tivesse repreendido a ela e não a ele. Karagodina replicou obedientemente que passaria a estar menos com Gorbachev. Ao saber disso, ele dirigiu-se de imediato ao gabinete da diretora. Diz-nos Yulia que a diretora saiu «enrubescida e agitada», seguida pelo sorridente Mikhail. «O que lhe disseste?» perguntou Yulia. «Nada de especial. Disse-lhe apenas que era um aluno modelo, e a Yulia também. Tenho uma participação ativa nos serviços sociais, e ela também. O facto de sermos amigos não interfere com ninguém. Eles que sigam o nosso exemplo.» De acordo com o relato de Yulia, é óbvio que a diretora não podia opor-se¹⁰¹.

Gorbachev tinha padrões extremamente elevados para todos. «Sentia que não estava à altura dele», recorda Yulia, «ou que não combinávamos. Ele era demasiado enérgico, demasiado sério, tão organizado. E era mais inteligente do que eu. Ele era o centro das atenções.» Durante algum tempo «foi amor, sim, para ambos», mas nunca disseram «eu amo-te» um ao outro, e, por vezes, ele brincava com a situação. Certa vez, durante um ensaio d'*A Donzela de Neve*, quando a personagem de Yulia dizia, «Meu querido Czar, pergunta-me mil vezes se o amo, e responder-te-ei mil vezes que

sim», Gorbachev debruçou-se, com a diretora perto deles, no público, e murmurou-lhe ao ouvido, «É verdade?» «Meu Deus», recorda Yulia, «fiquei tão abalada. Mal fui capaz de continuar o monólogo. Todos perguntavam o que acontecera, e o Gorbachev chegou ao lado, a sorrir»¹⁰².



A família Gorbachev, 1949.

Quando se formou, um ano antes de Gorbachev, Karagodina partiu para Moscovo para se inscrever num programa de formação de professores.

No entanto, com o dormitório lotado e sem ter onde morar, não demorou a regressar a casa. «Como pudeste não te impor e aos teus planos?» exigiu ele. «Devias ter-te deitado à porta do gabinete do reitor, sem saíres de lá até teres um quarto no dormitório». «É o tipo de coisa que ele faria», comentaria Karagodina muitos anos depois. «Mas eu não.» Em vez disso, ela encontrou trabalho a lecionar numa escola de aldeia perto de Molotovskoye. Gorbachev visitou-a, acrescenta, mas «as coisas não resultaram, ele não se decidia a cortejar-me. Nunca falámos sobre amor, nem fizemos planos para o futuro. Acho que não tínhamos sido feitos um para o outro. Ele respeitava quem era obstinado e determinado. Provavelmente não será por acaso — tal como li algures — que se referisse, jocosamente, a Raisa Maksimovna [esposa de Gorbachev] como “meu general”. Quanto a mim, nunca aceitei o maximalismo dele».

Se, com «maximalismo», queria dizer que Gorbachev estava determinado a alcançar o que parecia impossível, ela estava certa. Quando estava no terceiro ano de faculdade em Krasnodar, Karagodina recebeu um postal de Mikhail. Ele encerrava com as palavras latinas *Dum spiro spero*. A amiga do Báltico traduziu-as: «Enquanto respirar, espero». Bem poderia ter sido o lema dele quando o seu sonho de vir a transformar a URSS desabou. No postal com que lhe respondeu, as palavras de Karagodina a Gorbachev formavam um aviso ao homem que tentou mudar o mundo: «Respira, mas não esperes demasiado!»¹⁰³

CAPÍTULO 2

UNIVERSIDADE ESTATAL DE MOSCOVO

1950-1955

«É S TU QUE DECIDES o que queres fazer quando acabares a escola. Se quiseres, podemos trabalhar juntos. Se quiseres prosseguir com os estudos, eu ajudo-te no que puder. Mas esta é uma decisão séria, e ninguém pode decidir por ti.» Sergei Gorbachev era um patriarca camponês invulgar e não tentou dissuadir o filho. Mikhail, no entanto, sabia aquilo que o pai e o avô sentiam no seu íntimo. Nenhum deles tivera grande educação formal, e ambos percebiam aquilo de que haviam sido privados. Gorbachev não teve dúvidas quanto ao que queria fazer: «Eu queria continuar a estudar»¹.

Muitos dos seus pares sentiam o mesmo². A União Soviética estava a ser reconstruída, precisando de engenheiros, agrónomos, médicos, professores e outros profissionais que substituíssem os perdidos tanto na guerra como nas purgas que a haviam antecedido. «Até os alunos mais fracos» procuraram lugares onde os exames de admissão «não fossem particularmente exigentes», admite Gorbachev. Quanto a ele, era «um indivíduo particularmente orgulhoso e ambicioso [*ambitsioznyi*]. Porquê? Imagino que fosse a minha natureza. Porque é que cinco a sete por cento das pessoas nascidas no mundo são capazes de gerir o seu próprio negócio, enquanto as restantes se tornam assalariadas? É uma questão de carácter»³. Em russo, a palavra *ambitsioznyi* não é um termo positivo, sendo normalmente traduzida como «arrogante» e não como «ambicioso». Em 1950, Gorbachev sabia claramente o que um jovem camponês *ambitsioznyi* devia fazer em seguida — «candidatar-me a nada menos do que a mais importante universidade de todas, a Universidade Estatal de Moscovo»⁴.

A MGU era na URSS aquilo que Harvard é nos Estados Unidos — embora, na União Soviética, não houvesse quase mais nada: não havia Yale, Princeton ou Stanford, não havia Ivy League, não havia universidades regionais igualmente distintas, nem faculdades de artes liberais de elite. A

cidade de Moscovo era, em si própria, única: era Washington, Nova Iorque, Chicago e Los Angeles num único lugar, a sede do governo, indústria, cultura, até a indústria do cinema — era o lugar onde se deveria brilhar caso se quisesse ascender. Verdade seja dita, a União Soviética dispunha da sua versão de «discriminação positiva»: os alunos como Gorbachev, com origens proletárias, contavam com um tratamento especial na admissão à universidade. Embora viesse de uma família camponesa, o trabalho do pai enquanto operador de ceifeira-debulhadora elevava-o a um estatuto proletário «favorecido». A par disso, a sua Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho só o ajudava; com efeito, Gorbachev acabou por ingressar sem ter de fazer o exame de admissão necessário.

Seis meses antes de concluir o ensino em Stavropol, Gorbachev solicitou informações acerca dos programas da MGU. Viria a receber em casa um prospeto com todas as suas faculdades (departamentos), a par dos requisitos de concurso. No liceu gostara de uma variedade de disciplinas: física e matemática, bem como história e literatura. Assim, além da MGU, pensou em concorrer a várias outras instituições especializadas em engenharia, energia e economia. A comissão de recrutamento local informou Gorbachev de que seria recrutado, a menos que se inscrevesse numa academia militar como a Escola Naval de Baku, para a qual o incitaram a concorrer. «Gostei da ideia», recorda, «bem vê, os jovens gostam de navios e de fardas. Mas houve qualquer coisa que me impediu; não sei o quê. Gostaria de saber. Estava pronto a servir o meu país, mas depois disseram-me que poderia ser aceite se me inscrevesse numa faculdade de direito ou num instituto de transportes»⁵.

A dada altura, Gorbachev concentrou-se no Instituto de Transportes Ferroviários, na vizinha Rostov, e depois ponderou, brevemente, uma carreira como diplomata. Por fim enviou a candidatura à faculdade de direito da MGU, a qual, no sistema soviético (e agora russo), é um curso de licenciatura⁶. O estudo de direito num país que não é um estado de direito não gozava de grande prestígio intelectual, mas Gorbachev não tinha forma de o saber. Embora se sentisse «impressionado com o papel dos juizes e dos promotores de justiça», ele admite que contava apenas com uma «noção vaga» da lei e da jurisprudência.

Poderá ter sido por isso que a MGU não lhe respondeu de imediato à candidatura. Gorbachev começou por ir trabalhar na ceifeira-debulhadora. Contudo, não demorou a deixar o pai na estepe (com sua autorização, obviamente), apanhar boleia até à povoação mais próxima e enviar

um telegrama com resposta pré-paga, recordando a universidade da sua existência. «Admitido com acomodação no dormitório incluída», dizia o aviso que recebeu milagrosamente três dias depois, levado aos campos de cereais por um carteiro. Atribuiu o milagre não tanto à medalha que recebera aquando da cerimónia de graduação do liceu (de prata, e não de ouro, pois tivera 4, e não 5, a alemão), mas sim à Bandeira Vermelha do Trabalho e aos seus antecedentes como operário-camponês. Claro que o importante era que entrara para a faculdade — «entrei sem fazer exames, sem entrevistas, sem nada. Ninguém me perguntou nada! Bem, na minha opinião, eu merecia ser admitido. Era uma pessoa com quem se podia contar, e foi assim que me revelei na faculdade»⁷. Continuou a trabalhar com o pai na ceifeira-debulhadora durante o resto do verão. O trabalho, no entanto, já não lhe parecia duro. «Transbordava de felicidade. Da cabeça não me saíam as palavras “Sou aluno da Universidade de Moscovo”»⁸.

Gorbachev sempre subestimou o que foi necessário para entrar para a universidade. Em junho de 1950, na altura em que a MGU decidia se o admitiria ou não, Gorbachev conseguiu tornar-se candidato a membro do partido, uma credencial que tê-lo-á ajudado. A candidatura de Gorbachev a membro do partido, escrita à mão a 5 de junho de 1950, declara que «Seria, para mim, uma grande honra ser membro do extremamente avançado e genuinamente revolucionário partido comunista dos bolcheviques. Prometo ser fiel à grandiosa causa de Lenine e Estaline, dedicando toda a minha vida à luta do partido pelo Comunismo». Numa carta de recomendação, a diretora descrevia-o como sendo «um dos melhores alunos da nossa escola», «sensível e dedicado aos camaradas», «moralmente estável e ideologicamente firme». Outra recomendação revela que mesmo nas províncias russas, em 1950, era útil ser um atleta no que dizia respeito à entrada para a universidade: o professor de educação física da escola declarava que Mikhail o assistira durante os últimos dois anos. O comité da Komsomol do distrito, da qual Gorbachev era membro, confirmou que ele era «politicamente letrado», ou seja, que ele «compreende corretamente a política do partido de Lenine-Estaline». Adiantou igualmente uma garantia ainda mais importante durante os últimos anos do Estalinismo — que embora Gorbachev, aos doze anos de idade, tivesse vivido na Privolnoye sob ocupação nazi, «não há *kompromat* [material comprometedor] sobre ele»⁹.

Gorbachev nunca vira um comboio até aos treze anos de idade. A sua primeira viagem fora a Stavropol, aos dezassete anos, e ele nunca saíra da província. Agora, aos dezanove anos, acompanhado pelo pai, com

uma velha mala onde a mãe lhe guardara as poucas roupas que possuía, a par de comida que o sustentasse durante a viagem, chegava à Estação de Tikhoretsky, a cerca de cinquenta quilómetros de Privolnoye. O Avô Pantelei, que se despediu quando Gorbachev e o pai subiram para o camião que os levou à estação, «estava muito emocionado; estava muito feliz por mim, mas triste por ver-me de partida. Tinha lágrimas nos olhos. Foi muito triste»¹⁰. O pai de Gorbachev estava de tal modo emocionado que ficou a bordo até que o comboio começou a andar, altura em que desembarcou à pressa, esquecendo-se de dar o bilhete ao filho. O revisor teria expulsado Gorbachev do comboio se o resto dos passageiros da carruagem da última classe não tivesse intervindo: «O que está a fazer?» gritaram ao revisor. «O pai dele combateu na frente. Não viu as medalhas que ele tinha ao peito?» O revisor recuou — na condição de Gorbachev comprar outro bilhete (para o qual ele mal tinha dinheiro) na estação seguinte¹¹.

Nessa viagem, e em viagens posteriores, os comboios para Moscovo paravam em lugares de que Gorbachev apenas ouvira falar, e com os quais sonhara — Rostov, Estalinegrado, Carcóvia, Orel, Kursk, Voronej, todas elas ainda parcialmente em ruínas devido à guerra —, antes de entrar na capital propriamente dita. Não foi um início fácil: Gorbachev não começou por se «sentir muito confortável». Os novos conhecidos diziam-lhe que «Moscovo é como uma aldeia grande», mas a cidade não lhe parecia, de todo, uma aldeia. Privolnoye não tinha eletricidade, nem rádio (salvo a coluna na praça central), nem telefone, mas o ar era limpo e fragrante, e «à noite, as estrelas brilhavam como se alguém tivesse pendurado candeeiros no céu». Por outro lado, em Moscovo, que estremecia com o troar dos elétricos e do metropolitano, «tudo para mim era novo: a Praça Vermelha, o Kremlin, o Teatro Bolshoi, a minha primeira ópera, o meu primeiro bailado, os Museus Tretyakov e Pushkin, a minha primeira viagem num barco do rio Moscovo, a minha primeira visita aos arredores da cidade, o meu primeiro aniversário na manifestação da Revolução. Ficava sempre asoberbado por uma sensação incomparável de novidade»¹².

Durante os últimos anos de Estaline, os camponeses eram tidos em muito baixa consideração em Moscovo. Sempre pareceram retrógrados a Marx (que se referia ao «idiotismo da vida rural»), a Lenine (que afirmava ter feito uma «revolução do proletariado») e a Estaline (que os explorou e brutalizou), e continuavam a parecer «pessoas escuras» aos urbanitas sofisticados de Moscovo¹³. E os colegas moscovitas de Gorbachev começaram por considerá-lo profundamente subdesenvolvido. Viviam em casa,

nos apartamentos dos pais, enquanto ele e outros forasteiros viviam num dormitório. «Nós representávamos a elite de Moscovo», explica o colega Dmitry Golovanov. «O Gorbachev não era muito interessante»¹⁴. De acordo com Zoya Bekova, «ele era profundamente provinciano». «Isso era por demais óbvio. Tinha aspeto de camponês»¹⁵. «Reconhecia-se pela pronúncia dele», recorda Golovanov¹⁶. Ele falava com um sotaque do sul da Rússia, suavizando os *g* duros em *kh*. «Ele tinha um fato, e usou-o durante os cinco anos», acrescenta Nadezhda Mikhaleva¹⁷. «E havia alturas em que andava sem meias, pois não tinha nenhum par.»

Rudolf Kolchanov, outro aluno, recorda, no entanto, que essa impressão desapareceu após o primeiro ano de Gorbachev. «A partir daí deixou de haver condescendência; todos passaram a tratá-lo como igual»¹⁸. O ego de Gorbachev não sofreu com a sua exposição à elite; pelo contrário, cinco anos depois, ele surgiu pronto a tomar o mundo. Na véspera de deixar a MGU, em 1955, refletiu quanto ao que aqueles anos haviam significado. O «jovem camponês» que entrou para a universidade em 1950 e o homem que se formou cinco anos depois eram «pessoas muito diferentes». A família, bem como as escolas e os professores, moldara-o «enquanto indivíduo e enquanto cidadão». Sentia-se grato aos companheiros de ceifa, que «ensinaram-me a trabalhar e ajudaram-me a compreender o sistema de valores do trabalhador». E, não obstante, foi a Universidade de Moscovo que lhe deu «o conhecimento básico e a força interior que foram decisivos para as escolhas que fiz. Foi aí que dei início ao longo processo de reavaliar a história do meu país, o seu presente e o seu futuro. De uma coisa estou certo: Sem aqueles cinco anos não haveria o político Gorbachev»¹⁹.

Gorbachev não foi o único licenciado vindo de um passado humilde que se sentiu empoderado pela formação superior, mas o ensino superior de finais do Estalinismo estava pejado de propaganda e de doutrinação. Não obstante, ainda antes da morte de Estaline, em 1953, já havia formas de obter uma formação real na MGU. Alguns professores formados antes ou imediatamente após 1917 apresentavam aos alunos um reino mais vasto de ideias filosóficas e políticas. Os anos de formação de Gorbachev, com a sua exposição à vida intelectual e cultural da capital, transformaram-no num homem que se considerava um intelectual com uma mentalidade filosófica, facto que ajuda a explicar a visão que mais tarde levaria para a liderança política, bem como algumas das suas limitações enquanto líder.

A MGU também traria a Gorbachev duas amizades para o resto da vida. Uma delas seria com o aluno checo Zdeněk Mlynář, que se tornaria

o principal ideólogo da Primavera de Praga de 1968. A outra seria travada com a futura esposa, Raisa Titarenko.

ESTALINE MORREU A 5 de março de 1953, com os seus últimos anos a serem marcados por novas ondas de repressão. O «Caso de Leningrado», de 1949, eliminou líderes do partido com raízes na antiga capital imperial. A campanha «anti cosmopolita» de 1952 visou os Judeus. Em janeiro de 1953, os agentes de Estaline afirmaram terem descoberto uma «conspiração de médicos», em que médicos do Kremlin, na sua maioria judeus, haviam conspirado para assassinar líderes soviéticos. A publicidade dada à «conspiração» levou a uma histeria em massa: boatos sobre bebês mortos em hospitais, uma quebra na procura de clínicas e de farmácias. Um dos médicos detidos, o conhecido patologista Yakov Rappoport, recordaria mais tarde a mãe de uma criança com pneumonia que se recusou a administrar a penicilina receitada por um médico: «Ele que morra da doença, mas não do veneno que lhe dei com as minhas próprias mãos»²⁰.

A Universidade de Moscovo não escapou ao contágio. «A atmosfera estava saturada de ideologia», recorda Gorbachev. O ensino parecia ter como objetivo a «lavagem cerebral das mentes jovens». Tanto os professores como os alunos estavam «sob vigilância cerrada»²¹. Não obstante, os anos do pós-guerra foram palco de mudanças na sociedade soviética. Graças ao seu prestígio e à necessidade soviética de especialistas com formação de excelência, a Universidade de Moscovo estava relativamente isolada da atmosfera geral de medo.

Os elementos da geração de Gorbachev saíram da terrível guerra otimistas e determinados a melhorar a vida. Ainda crentes na igualdade prometida pela doutrina comunista, os estudantes das zonas rurais empobrecidas consideravam-se tão válidos como os filhos da elite. Os veteranos de guerra, com acesso preferencial às universidades, destacavam-se dos alunos mais jovens. Depois de terem sobrevivido, vencido a guerra e regressado em triunfo, estavam particularmente determinados a construir o futuro. «Todos da nossa geração acreditávamos piamente nos valores socialistas», recorda Leonid Gordon, aluno de história na MGU entre 1948 e 1953. «Desprezávamos a riqueza e tudo o que considerássemos burguês. O nosso patriotismo soviético era forte». Nail Bikkenin, futuro conselheiro de Gorbachev, recordaria que ele e os amigos tinham «fé no seu país e nos seus ideais (...) a URSS era um país de vastas possibilidades e tínhamos

muito trabalho à nossa frente». Para os seus alunos, o departamento de filosofia da MGU, no qual Raisa Titarenko se inscreveu em 1949, parecia um centro de entusiasmo intelectual. Yuri Levada, pioneiro da sociologia (que era lecionada pelo corpo docente de filosofia) e pelos inquiridos de opinião soviéticos, recorda que «Parecia que nunca houvera ali pessoas tão interessantes, nem voltaria a haver». Boris Grushin, outro sociólogo afamado, recordaria que os veteranos de guerra da MGU inspiravam os colegas «com novas percepções e pressupostos, com uma nova visão da vida, do mundo»²².

Gorbachev recorda a pressão para o conformismo: «O mais ligeiro desvio da linha oficial, qualquer tentativa de pôr em causa fosse o que fosse, tudo estava pejado de consequências, culminando, na melhor das hipóteses, num escrutínio por parte de um comité da Komsomol ou do partido»²³. Tornar-se-ia líder da Komsomol da sua turma inicial, passando depois a secretário-adjunto da Komsomol para a agitação e a propaganda de toda a faculdade de direito. Uma das suas primeiras tarefas na Komsomol, para a qual foi dispensado temporariamente dos estudos, foi a monitorização das urnas no distrito moscovita de Krasnopresnensky, de modo a garantir que havia cidadãos suficientes a votar para se alcançar o objetivo do partido comunista de quase 100 por cento de afluência. Gorbachev viria a observar que a maioria das pessoas votava «por medo»²⁴.

Em 1952, com a tenra idade de vinte e um anos, foi elevado a membro de pleno direito do partido. Isto, a par do seu papel na Komsomol, poderia ser visto (e, em certos casos, foi mesmo) como prova de que Gorbachev agia como sentinela que vigiava os colegas²⁵. A verdade, no entanto, é mais complicada. Obviamente, Gorbachev era obrigado a seguir Estaline e as suas obras. No início de 1953, durante uma reunião de membros do partido da faculdade de direito, Gorbachev regozijava-se de que «o estudo das obras de J. V. Estaline e dos materiais do 19.º Congresso do Partido [realizado em 1952] obriga-nos a elevar o nível do nosso trabalho científico-académico», ao mesmo tempo que lamentava que «obviamente, os nossos professores, universitários e do ensino secundário, não estudaram esses materiais com afincos suficientes. Consequentemente, a qualidade dos nossos seminários é medíocre»²⁶. Mas a celeridade com que foi elevado a membro de pleno direito do partido sugere um lapso na vigilância política. Os testemunhos por parte dos colegas de turma confirmam que ele só fazia o mínimo no que dizia respeito à sua monitorização.

A promoção de Gorbachev, de candidato a membro para membro de pleno direito do partido, teve de ser aprovada pelas autoridades do distrito

moscovita de Leninsky, onde se situa a MGU. Quando ele as informou, hesitante, das detenções dos dois avôs, situação que era considerada *kompromat* em alguns círculos, elas minimizaram-nas: «Não se preocupe! Indique-o. Isso será suficiente»²⁷. Os colegas de turma confiavam-lhe segredos. Nadezhda Mikhaleva explica que embora a ordem da Komosomol a Gorbachev fosse garantir a «disciplina», o seu grande alvo era a ebriedade, e não a dissidência política. Galina Daniushevskaya recorda uma reunião convocada para condenar a «conspiração dos médicos», na qual ela esperava que Gorbachev liderasse a condenação. No entanto, ela ainda se espanta que «ele nem sequer apareceu»²⁸. Ao que parece, de um modo geral, ele concentrava-se realmente nos estudos.

Não havia disciplinas na MGU, nem sequer as ciências naturais, que estivessem isentas de política. Desde há anos que a biologia e a física eram alvo de ataques ideológicos. O direito fora deformado pela doutrina estalinista: com a rejeição da presunção de inocência e a aceitação das confissões como prova de culpa. Todavia, no programa de estudos contava-se o direito romano, a história do pensamento político, as constituições das nações «burguesas», com destaque para os Estados Unidos, e, ao invés de censurarem as ideias dos adversários ideológicos, os alunos eram encorajados a estudá-las com atenção, mais que não fosse de modo a compreender melhor o inimigo das classes. Mesmo seguindo a linha do partido, alguns professores tentavam evidenciar as suas reservas. Um professor de garganta seca ia sempre bebendo água enquanto orava. «Até as melhores apresentações», sorria com confiança aos alunos, «têm de ser empurradas»²⁹. Um outro veterano, Serafim Yushkov, dedicara a vida ao estudo da Rússia Kievana, a antecessora medieval da Rússia Moscovita, mas, de súbito, era acusado de um «cosmopolitismo desenraizado», o rótulo normalmente associado aos Judeus. O «absurdo da acusação era por demais óbvia», recorda Gorbachev, sobretudo tendo em conta a forma russa antiquada de vestir de Yushkov. Andava de chapéu de palha de aba larga e uma camisa bordada com fralda fora das calças. Não obstante, Yushkov foi «avaliado» pelo conselho diretivo da faculdade de direito, perante o qual, de chapéu de palha nas mãos, proferiu meras três palavras em sua defesa: «Olhem para mim!» O inquérito Yushkov foi encerrado. «Adorávamos as palestras dele», recorda Gorbachev, mas a forma escolhida para o mostrar foi pregar uma partida ideológica ao idoso. Perguntaram-lhe se poderia analisar a história kievana sem mais referências ao Marxismo-Leninismo. «Abriu desesperadamente a enorme pasta atulhada, retirou de lá um desses clássicos, pôs os

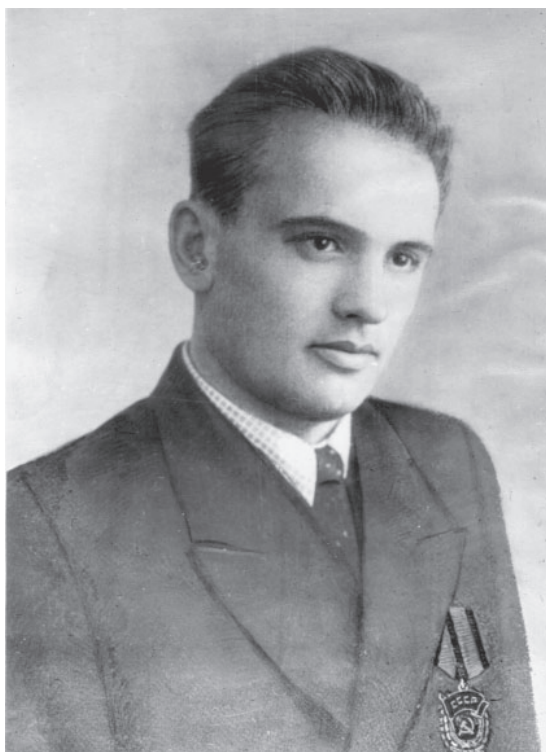
óculos, e procurou uma passagem relevante»³⁰. O objetivo da partida era ridicularizar a monitorização política, efetuando-a, sardonicamente, eles próprios.

LOGO AO CHEGAR À MGU, parecendo e soando a um camponês saloio, Gorbachev foi gozado pelos colegas de turma: «Ao deparar-me com coisas novas, eles diziam que já o haviam aprendido na escola, mas eu frequentara uma escola de aldeia». Todavia, Gorbachev convenceu-se de que a sua inocência era uma virtude: os moscovitas costumavam «temer exibir a sua ignorância; receavam pedir explicações nas sulas», ao passo que ele «ardia com a curiosidade e com o desejo de aprender e de compreender». Embora «nunca me faltou orgulho, e apreendia com facilidade tudo o que era novo», Gorbachev teve de estudar ainda com mais afinco. Em breve conseguia «manter um debate aceso, mesmo com os meus colegas mais talentosos»³¹.

Gorbachev diz ter estudado «ansiosamente, febrilmente». «Todos trabalhávamos bastante», recorda Rudolf Kolchanov, «mas ele trabalhava mais do que qualquer outro»³². «Enquanto os outros estudavam durante uma hora ou duas», lembra Mikhaleva, «ele dedicava três ou quatro». «Ele era assíduo», continua. «Quando os outros iam dormir, ele continuava a trabalhar». Diz Zoya Bekova que «Sei que ele nunca parava até às duas ou às três da manhã, mesmo depois de se levantar às cinco ou às seis. Ele estudava, lia, fazia tudo para chegar ao nível dos moscovitas»³³. «A inteligência dele não tinha nada de rural», recorda Volodya Liberman, membro, a par de Mikhaleva e Zdeněk Mlynář, do grupo de estudo de Gorbachev.

Gorbachev exibia claramente a superioridade no campo do trabalho. Diz Liberman que ele usou a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho «durante todo o primeiro ano, e isso chamava a atenção sobre ele». Não obstante, acrescentaria Mikhaleva, parecia que Gorbachev «não tinha complexos: ele percebia que carecia de cultura e procurou ajuda». Mikhaleva, de olhos verdes e cabelo negro, foi uma das pessoas a quem Gorbachev pediu ajuda. Ela lembra-se de dizer, «Misha, tu vives num dormitório, coitadinho. Não podes subsistir com salsichas reles. Vem estudar a minha casa (...). A Mamã é uma excelente cozinheira!» Nadezhda também apresentou a Gorbachev a vida cultural de Moscovo. «Ele vinha ter comigo e dizia, “Nadezhda, se fores a um museu, talvez possas levar-me e dizer-me o que sente o artista”. Ou então, “Se fores ao conservatório, leva-me contigo e

diz-me aquilo em que o compositor está a pensar”. Nunca se sentia envergonhado por perguntar”. Outro amigo lembra-se de Gorbachev perguntar o que era bailado: «Já ouvi falar, mas nunca vi.»



Gorbachev com a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho, nunca antes de 1949.

«O Gorbachev parecia gostar de mim», recorda Mikhaleva, «mas ele nunca mostrava às raparigas a atração que sentia». «Não se interessava por álcool, nem por jogar às cartas», explica Liberman. «E embora fosse bem-apegoado, com um excelente cabelo, nunca mostrou grande interesse por mulheres». Numa fotografia do período, Gorbachev parece, realmente, uma estrela de cinema francesa, com olhos e cabelo escuros e de fedora. Mas «Gorbachev sempre teve uma capacidade de trabalho espantosa (...). Não tinha passatempos. Não tinha interesses secundários. Só trabalho»³⁴. Gorbachev explica-o com as suas próprias palavras: «Tomara uma decisão firme — dedicaria os cinco anos na MGU ao estudo. Sem aventuras amorosas»³⁵.

Isso não demoraria a alterar-se no intenso ambiente social do dormitório da MGU. Os antigos edificios académicos que alojavam os departamentos

da MGU continuavam a situar-se na baixa, na rua Mokhovaya, a curta distância do Kremlin. Todavia, o dormitório ficava a seis quilómetros dali, no distrito de Sokoloniki, no número 32 da rua Stromynka, junto à margem do rio Yauza³⁶. Edificada no início do século XVIII por Pedro, o Grande, como caserna militar, a vasta estrutura amarela de três andares alojava vários milhares de alunos. Os alunos de licenciatura e de pós-graduação estavam agrupados segundo as faculdades onde estudavam: historiadores, filósofos, físicos, biólogos, alunos de literatura e de direito, entre outros. Viviam até vinte e dois alunos de primeiro ano num único quarto mobilado, de um modo geral, com camas (debaixo das quais os alunos guardavam as malas com os seus pertences), pequenas mesas-de-cabeceira, uma mesa grande com algumas cadeiras, uma estante ou duas e um roupeiro. Durante o segundo, os quartos eram partilhados «apenas» por onze alunos, no terceiro ano podiam ser «só» seis. Cada piso contava com uma cozinha coletiva, partilhada por centenas de alunos, e com uma casa de banho grande, sem água quente. Raisa Gorbachev, que também cresceu nas províncias, recorda que a casa de banho feminina continha apenas sanitas e lavatórios³⁷. Kolchanov não se lembra de divisórias nem de portas na casa de banho dos homens, apenas sanitas. Zdeněk Mlynář, habituado a melhores instalações sanitárias na sua Checoslováquia nativa, recorda uma «latrina coletiva com uma zona de lavatórios», acrescentando que «para todos os que se encontravam no edifício só havia um *banya* (balneário) russo no pátio»³⁸. O *banya* estava aberto a homens e mulheres em dias alternados³⁹.

Dmitry Golovanov, que vivia com os pais, recorda Stromynka como sendo «horrrível, como uma prisão»⁴⁰. Claro que para um jovem do campo como Gorbachev, o local quase parecia luxuoso. O seu guarda-roupa mínimo não ficava deslocado: regra geral, os alunos usavam calças em segunda mão, casacos surrados e velhas fardas escolares ou militares⁴¹. Havia uma cantina e um bar, recorda Gorbachev, «onde podíamos comprar uma caneca de chá por alguns compeques, com quantidades ilimitadas de pão disponível na mesa. Havia uma barbearia e uma lavandaria, embora normalmente fôssemos nós que lavávamos a nossa roupa, quer por falta de dinheiro quer por necessidade de mudar de rotina. Contávamos com uma clínica própria, o que também era novo para mim, pois na aldeia só dispúnhamos de um posto de primeiros socorros. Tínhamos uma biblioteca com uma sala de leitura espaçosa [embora Kolchanov recorde que, por nunca haver lugares suficientes, os estudantes trabalhavam por turnos, a qualquer hora do dia e da noite], um clube de alunos com toda uma série de atividades

culturais e desportos. Era um mundo à parte, uma irmandade de estudantes com as suas leis e regras oficiosas»⁴².

Stromynka, uma cidade universitária que nunca dormia, com as luzes acesas durante toda a noite, contava com as suas próprias avenidas (longos corredores onde os estudantes se juntavam para conversar), sociedades de debate informais (que se reuniam, amiúde, nas casas de banho), mercados (onde estudantes como Gorbachev, que tinham pouco dinheiro, mas ocasionalmente recebiam encomendas com comida dos pais, faziam trocas e negócios), e até tinha estratégias para a viagem até à baixa da cidade: os estudantes invadiam os elétricos em tal número que os revisores asoberbados não tinham como confirmar quem pagara bilhete — normalmente não pagavam. Em finais de 1953, os residentes de Stromynka mudaram-se para novos dormitórios luxuosos na Colina de Lenine, um arranha-céus estalinista imenso em forma de bolo de casamento, onde os estudantes viviam em «blocos», ou seja, dois quartos individuais que partilhavam uma casa de banho. No entanto, tanto nas suas memórias como em pessoa, Gorbachev denota muito mais nostalgia por Stromynka do que pela Colina de Lenine.

Ter-se-á destacado na MGU como alguém que, um dia, pudesse vir a liderar o país e o mundo? «Ele *não foi*, de todo, o aluno mais impressionante da nossa turma», diz Rudolf Kolchanov. «Ele nem sempre foi um grande reformista e líder mundial à espera de aparecer»⁴³. Natalia Rimashevskaya, que mais tarde se tornaria uma socióloga afamada, recorda que Gorbachev «nunca tentou destacar-se, mantendo-se, isso sim, nas sombras. Nas aulas, costumava sentar-se na penúltima fila. Quem queria dar-se a conhecer como líder ficava ao centro da primeira fila. Costumávamos brincar com o Gorbachev tratando-o por “Distinto Operador de Ceifeira-Debulhadora”, em reconhecimento da medalha que usava»⁴⁴. Mas Gorbachev contava com virtudes notórias. São vários os colegas que recordam que ele tinha uma maneira de se «concentrar» quando falava com alguém. «O Misha nunca era ganancioso ou materialista», diz Liberman⁴⁵. De acordo com Kolchanov, Gorbachev era «aberto, afável e sociável» e tinha «muitos amigos»⁴⁶.

Gorbachev afirma que não gostava do ensino rígido e da aprendizagem por memorização. Deu, por isso mesmo, continuação ao seu hábito de liceu de pôr os professores em causa. Recorda que estava prestes a contestar um professor particularmente mortífero quando Valery Shapko, o «ancião» (*starosta*) oficial do grupo de Gorbachev, sugeriu que ele aguardasse até depois do exame final. Gorbachev não esperou, o professor vingou-se dando-lhe um B em vez de um A, e Gorbachev perdeu a bolsa adicional

de que tanto precisava. Quando a mais recente «obra-prima» de Estaline, *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*, apareceu, no outono de 1952, as palestras de um professor consistiam, simplesmente, da leitura em voz alta do magnífico trabalho. Gorbachev passou-lhe uma mensagem anónima que dizia, «Estamos numa universidade, onde se admitem pessoas que se formaram com dez anos de escolaridade, ou seja, pessoas que sabem ler». O professor leu a mensagem com um tom de desprezo para toda a turma, comentando que deveria ter sido escrita por alguém sem respeito pelos Marxismo-Leninismo, pelo partido comunista e pela URSS. Era por isso que «o herói» que a escrevera não se atrevera a assiná-la. Lentamente, Gorbachev levantou-se e identificou-se. O seu gesto de «desafio» chegou aos ouvidos do comité do partido da cidade de Moscovo, mas decidiu-se que a questão seria ignorada. Mais uma vez, as origens camponesas-proletárias de Gorbachev foram de grande ajuda⁴⁷.

Os colegas de turma confirmam a extroversão de Gorbachev. Andrei Vyshinsky, promotor-chefe durante os julgamentos das purgas da década de 1930, estabeleceu como norma de jurisprudência soviética que a confissão de um crime por parte de um suspeito era prova suficiente de culpa. «Muitos de nós obedeciam a isso cegamente», admite Golovanov, amigo de Gorbachev, «mas o Gorbachev não. Não o podia refutar às claras, pois seria expulso. Mas entre amigos manifestava outra opinião: “É errado, pura e simplesmente errado. É possível forçar uma confissão”»⁴⁸. Durante a histeria causada pela «conspiração dos médicos», em 1952, o amigo chegado de Gorbachev Volodya Liberman chegou três horas atrasado às aulas, com um ar «deprimido, exangue, miserável». Lavado em lágrimas, explicou que fora identificado como judeu e expulso de um autocarro. Mais tarde, durante uma reunião na faculdade de direito, outro estudante pôs em causa a lealdade de Liberman. Veterano condecorado e orador da turma, Liberman exigiu, «Será que eu, o único judeu entre vós, deverei assumir a responsabilidade por todos os judeus?» Nesse momento, recorda Liberman, Gorbachev pôs-se de pé, apontou para o acusador de Liberman e bradou, «És um animal cobarde!»⁴⁹

«Não estava a fazer um protesto político», recorda Gorbachev. «A altura para isso ainda não chegara. Era um protesto intelectual contra a forma como um veterano e um ser humano estava a ser tratado»⁵⁰.

As discussões e os debates mais acesos decorriam ao fim da noite. «Dividíamo-nos em vários campos e fações ideológicos», recorda Kolchanov. «Alguém citava Trotsky, outro criticava Lenine por assinar a

paz [o acordo com a Alemanha em 1918] em Brest-Litovsk, ou até Estaline, por exemplo, pela maneira primitiva como ele explanava ideias filosóficas. Eu defendia [Peter] Struve [um afamado reformista liberal pré-1917] (...). Como é óbvio, éramos loucos por falar assim, e isso poderia ter-nos saído bem caro. Houve finalistas que apanharam dez anos por tais debates. Mas nós tivemos sorte, ninguém nos denunciou às autoridades»⁵¹.

Ninguém podia ser abertamente dissidente, mas Kolchanov garante que Gorbachev era «um cético». «Ele tinha uma compreensão profunda da coletivização [agrícola] estalinista e considerava-a uma grande injustiça. Não o podia dizer abertamente, mas ele tinha muito mais noção disso do que nós, rapazes da cidade». Gorbachev desenvolveu a reputação de ser alguém que procurava mediar debates. «Vocês pensam assim», diria ele, «vocês pensam assado, mas vamos falar sobre isso». Rimashevskaya recorda que ele despoletava os debates acesos com uma expressão marxista, «Temos de abordar [esta questão] dialeticamente», ou seja, justapondo tese e antítese, e depois procurando uma síntese. «Talvez isso [o] tenha transformado numa pessoa que procurava compromissos»⁵². Ou, dito de outra forma, num político. Já bem depois de se reformar, Gorbachev diria ao adido/biógrafo Andrei Grachev que, embora na MGU a sua «paixão e curiosidade» se tivessem transformado num «interesse pela filosofia e pela teoria política que ainda hoje me acompanham, não me considero um teórico. Eu sou um político, um político»⁵³.

ZDENĚK MLYNÁŘ FOI UM dos amigos mais chegados de Gorbachev na MGU. «O Misha admirava-o profundamente», recorda Golovanov. «O Zdeněk era extraordinariamente inteligente»⁵⁴. «Vivemos nos mesmos aposentos durante cinco anos», recorda Mlynář, «pertencíamos ao mesmo grupo de estudo, preparávamos juntos os exames e formámo-nos ambos com distinção. Éramos mais do que meros colegas: todos nos viam como um par de amigos chegados»⁵⁵. Mlynář entrara para o partido comunista checoslovaco em 1946 e afirmava-se como crente. «A minha fé comunista era um sistema fechado, o qual era impenetrável, de um modo fundamental, por ideias, argumentos, ou até por experiências reais vindas do exterior.» Mlynář era de tal modo fervoroso politicamente que se tornou líder de partido dos estudantes checos em Moscovo. Não obstante, seria acusado de «destruidor» por compatriotas checos na MGU. A denúncia ecoava a purga de Rudolf Slansky, secretário-geral do partido checo, condenado à morte

num julgamento encenado levado a cabo em Praga em 1952. Felizmente para Mlynář, alguns líderes comunistas checos foram a Moscovo nesse dezembro, dizendo aos estudantes checos reunidos que o partido não os enviara para ali para «andarem a desconfiar uns dos outros, mas sim para se apoiarem mutuamente e estudarem». Este conselho «reiterou a minha fé no partido: a situação fora examinada segundo o espírito da justiça e percebera-se que se tratava de um equívoco»⁵⁶.



Zdeněk Mlynář,
amigo de Gorbachev
na Universidade de
Moscovo — mais tarde
colega importante de
Alexander Dubček na
Primavera de Praga.

Mlynář admitiria que «Foi a estadia de cinco anos em Moscovo que deu azo às minhas primeiras dúvidas ideológicas sérias». Recusava-se a culpar «o padrão de vida miserável do povo soviético, a pobreza e o atraso das suas vidas diárias. De um modo geral, o problema não era que Moscovo fosse uma aldeia enorme de cabanas de madeira, que as pessoas mal tivessem o que comer, que, mesmo cinco anos depois da guerra, a roupa mais típica fossem as velhas fardas de guerra, que a maioria das famílias vivesse num quarto único, que em vez de autoclismos só houvesse uma abertura para um cano, que tanto nas residências de estudantes como na rua, as pessoas se assoassem às mãos, que tudo aquilo que não se agarrasse com força

seria roubado no meio da multidão, que houvesse bêbados inconscientes nas ruas, mortos, para todos os efeitos, pois ninguém se interessava (...). Esta passagem extraordinariamente incriminatória não condena por tecer elogios menos rasgados, mas por até isso rejeitar.

Mlynář não culpava o Comunismo por tudo isso, vendo-o, isso sim, como «consequência direta da guerra e do terrível atraso da Rússia czarista». A capacidade dos Soviéticos de suportarem os seus fardos era prova da «força humana (...) do “novo homem soviético”». O que mais incomodava Mlynář não eram «os aspetos negativos da vida soviética», mas sim «a ausência de qualquer coisa positiva no seu lugar», a ausência de valores comunistas. A maior parte dos soviéticos que ele conhecia «tentava afastar em absoluto a política da vida privada (...). Para nós, aquilo que dizíamos em público era também aquilo que pensávamos em privado». Mlynář partilhou um quarto no dormitório com seis antigos soldados do Exército Vermelho que haviam estado na frente. Na parede tinham um clássico poster realista socialista, a reprodução de um famoso quadro de Estaline, de pé perante um mapa enorme da URSS, a delinear um plano para um renque de árvores ao longo da estepe da bacia do Volga. Contudo, quando aparecia vodka no quarto, o poster era virado para a parede, revelando o desenho amador obsceno de uma cortesã russa pré-1917. Seguiam-se horas de bebida, durante as quais a normal duplicidade pública «era desnecessária, com as pessoas de língua embriagada cada vez mais enrolada a conseguirem fazer mais sentido, de uma forma mais real».

Mlynář ouviu histórias de guerra diametralmente opostas ao que vira nos filmes e na literatura soviéticos. Caso se aventurasse a manifestar as suas opiniões «extremamente corretas», seria tido «como um tolo ao mesmo nível do Kadet Biegler n’*O Bom Soldado Švejk* de Hašek». Um estudante, membro do partido, disse-lhe como os agricultores coletivos ansiaram pela chegada dos alemães, na esperança de que eles desmantelassem as quintas coletivas e devolvessem a terra aos camponeses. Os colegas de quarto de Mlynář revelaram o seu «desprezo pela fraqueza moral e autocomiseração por serem incapazes de alterarem as coisas que provocavam esse desprezo». Precisou de cinco anos a viver em Moscovo para descobrir que «se queremos perceber o mundo pessoal dos Soviéticos, é mais importante ler Tolstoy, Dostoyevsky, Chekhov e Gogol do que toda a produção literária do realismo socialista».

Mlynář conhecia um jovem funcionário do partido que votou para que se expulsasse um amigo que atravessou Stromynka em roupa interior para vencer uma aposta. Embriagado, o funcionário apelou a Mlynář, «Sou um

porco — vá, diz-me, sou um porco!» Porque haveria de o fazer? perguntou Mlynář. «Porque tu não és um porco — tu acreditas nisso», foi a resposta. Mlynář explicou que correr de roupa interior pelos dormitórios não era propriamente um crime (sobretudo porque «está sempre a acontecer» na Checoslováquia menos puritana), mas o seu interlocutor choroso não o quis ouvir. «Disparate, não é isso que está em causa. Tu lês mesmo Lenine. Compreendes, porque acreditas.»

Mlynář trabalhou como estagiário no gabinete do procurador. (Os procuradores deviam garantir a observância estrita da lei por parte de funcionários públicos e cidadãos, mas, na prática, eles concentravam-se na implementação dos ditames do partido.) A exposição ao funcionamento do sistema judicial soviético serviu para lhe exacerbar as dúvidas. No dia da semana reservado às «queixas dos trabalhadores» feitas verbalmente, o gabinete ficava apinhado de pessoas que esperavam poder transmitir as suas questões legais prementes ao responsável. «Cada caso demorava, regra geral cinco a dez minutos. O “novo povo soviético” (...) apresentava-se perante ele, de boné na mão, em tímida deferência, e tartamudeava o que tinha com injustiça ou injúria, enquanto o procurador, que ia tratando de outra papelada ao mesmo tempos, ficava sentado à secretária imensa, a ouvir com pouca atenção. Inevitavelmente, ele indeferia 99 por cento das queixas como não tendo fundamento»⁵⁷.

Apesar das dúvidas, Mlynář encontrou maneira de continuar a acreditar: Quaisquer que fossem os defeitos da União Soviética, explicaria mais tarde, não havia exploração capitalista, não havia um exército de desempregados, não havia uma política externa baseada na agressão e na guerra. Ele e Gorbachev «éramos comunistas convictos», insiste Mlynář. «Acreditávamos que o comunismo era o futuro da humanidade, e que Estaline era o maior dos líderes»⁵⁸. No liceu, Gorbachev recebera uma excelente nota por um ensaio sobre o tema «Estaline É a Nossa Glória Em Tempo de Guerra, Estaline Dá Asas À Nossa Juventude» — de tal modo que a composição, durante vários anos, foi apresentada como modelo aos alunos. «Já no liceu», recorda Gorbachev, «falávamos sobre muitas coisas num tom crítico (...), mas só a nível local (...). Era um dado assumido que o sistema em que vivíamos era socialista»⁵⁹.

As dúvidas de Gorbachev e de Mlynář aprofundaram-se à medida que as confienciavam entre eles. Viram juntos o filme *Os Cossacos do Kuban* (1950), uma comédia musical estalinista. (Sim, tais oximoros não só existiam, como também gozavam de extrema popularidade nos piores momentos da

vida real.) No filme, agricultores coletivos sorridentes fazem alegremente a colheita. «Não é verdade», murmurou Gorbachev ao amigo. «Se o líder de um colcoz não empregar força bruta contra os camponeses, o mais provável é que não trabalhem de todo.» Numa cena, belas ordenhadoras louras de garridos vestidos leves, que acabaram de vencer uma «competição socialista» ao superarem os objetivos estabelecidos, invadem as lojas locais em busca da sua safra de prémios (chapéus, sapatos, doces, balões), e chegam até a organizar a compra de um piano para o colcoz. «Não passa de propaganda», esclareceu Gorbachev a Mlynář. «Não se pode comprar nada»⁶⁰.

Juntos, os dois amigos estudaram a história oficial da URSS, que insistia que qualquer culpado de «dissidência anti partidária» devia ser liquidado. «Mas Lenine não mandou deter Martov [seu adversário menchevique]», lembrou Gorbachev. «Ele deixou-o emigrar.» Diz Mlynář que Gorbachev tinha uma máxima filosófica de eleição, que «a verdade é sempre concreta», a qual costumava citar sempre que um orador sobre filosofia marxista começava a debitar princípios gerais, «independentemente do pouco que tivessem em comum com a realidade». Gorbachev era «equilibrado e otimista», recorda Mlynář, «extremamente emotivo», mas com um «autocontrolo férreo». «Curioso e de espírito aberto», tinha «capacidade de escutar e aprender, e consegue adaptar-se. Tudo isto está na base da sua autoconfiança»⁶¹.

A morte de Estaline abalou-os a ambos. Durante uma conversa com Gorbachev na década de 1990, Mlynář recordou estar junto dele, num auditório da faculdade de direito na rua Herzen, para dois minutos de silêncio em honra de Estaline. «Lembro-me de te perguntar, “Misha, o que nos vai acontecer agora?” E tu, num tom prenhe de alarme e de nervosismo, respondeste, “Não sei”. O nosso mundo, o mundo dos comunistas estalinistas crentes, começava a desmoronar-se».

«Pois é», respondeu Gorbachev, «As coisas foram assim»⁶².

Mlynář e Gorbachev juntaram-se às dezenas de milhares de pessoas que se deslocaram à Sala das Colunas, à câmara-ardente de Estaline. Muitos permaneceram em silêncio e mostraram-se realmente lamentosos. Mas Mlynář também recorda «ladrões e carteiristas, homens [que] apalpavam as mulheres, e vodca bebida diretamente das garrafas escondidas nos bolsos. Era uma turbe unida pela determinação de não perder um espetáculo, fosse ele um funeral ou uma execução pública». Encaminhadas por polícias montados para ruelas estreitas que levavam ao ataúde, as pessoas eram esmagadas em engarrafamentos perigosos. Ao início iam gritando ritmadamente, «Ala!» Depois, quando «a densidade da multidão atingiu proporções

inimagináveis», as pessoas começaram a ser pisadas. «Vi com os meus olhos dezenas de pessoas feridas e inconscientes», escreveu Mlynář, «tendo visto que algumas estavam mortas»⁶³. Mlynář não chegou ao velório à primeira tentativa. No dia seguinte, fingindo não saber uma palavra de russo além de «chefe», um polícia autorizou que se dirigisse à frente da fila. Gorbachev contornou os engarrafamentos e passou a noite na fila. «Vi Estaline junto de mim pela primeira vez — morto, imóvel, exangue, desprovido de sinais que indicassem alguma vez ter vivido. Perscrutei-lhe o rosto em busca de marcas de grandiosidade, mas havia algo que me perturbava, evocando um misto de sensações»⁶⁴.

Nos meses após a morte de Estaline, sobretudo depois de o chefe da polícia secreta Lavrenty Beria ter sido detido em junho e executado em dezembro, a imprensa começou a publicar artigos que criticavam o «culto da personalidade», mas sem referir o nome de Estaline. Os jornais ignoraram o primeiro aniversário da morte de Estaline, em 1954. Só em fevereiro de 1956, depois de Gorbachev se ter formado na MGU, é que Khrushchev atacou diretamente Estaline no seu famoso discurso secreto no Vigésimo Congresso do Partido. Entretanto, o estado de espírito na MGU, bem como na sociedade em geral, começou a sofrer alterações. Mlynář apercebeu-se de que os seus amigos da MGU «pressentiam e sabiam bastante mais sobre a realidade do terror estalinista no seu país do que eu vira neles enquanto Estaline ainda estava vivo. Em 1954 e 1955, tais coisas eram debatidas de uma forma cada vez mais aberta». Após o seu regresso a Praga, em 1955, descobriu que os seus compatriotas sentiam mais receio do que os colegas estudantes em Moscovo. «Obviamente», recorda Gorbachev, «tínhamos um longo caminho a percorrer até um pluralismo realmente aberto. É que, embora o Partido e outros órgãos tivessem afrouxado as suas rédeas ideológicas, eles não as iam largar»⁶⁵.

AS DANÇAS DE SALÃO estavam na moda em Stromynka nos primeiros anos do pós-guerra, mas Gorbachev era conhecido por evitá-las. «Preferia ler livros», recorda, mesmo quando os amigos lhe contavam sobre as jovens que haviam conhecido na pista de dança. Certo serão de 1951, Volodya Liberman e Yura Topilin irromperam pela sala de leitura e chamaram-no com urgência: «Misha, mas que miúda! É nova! Anda ver!»

«Achas que há falta delas?» gracejou ele, mas depois reconsiderou: «Está bem, está bem. Vão andando. Já lá vou ter.»

«Foram-se embora», recorda Gorbachev. «Tentei continuar a ler, mas a curiosidade tornou-se mais forte. Dirigi-me ao clube e deparei-me com o meu destino»⁶⁶.

Raisa Titarenko era um ano mais nova do que o futuro marido, mas estava um ano à sua frente na MGU. Estudava na faculdade de filosofia, uma das mais prestigiadas da MGU, com alunos considerados particularmente ambiciosos. Raisa era especialmente «sossegada» e «correta»; não foi por acaso que chegou à comissão sanitária da associação de estudantes. Era também particularmente feminina. Embora as condições no dormitório (que contava com uma falta absoluta de privacidade) fossem difíceis, e as amigas de Raisa não tivessem como comprar cosméticos e joias, Raisa, assim recorda a colega de quarto, conseguia andar bonita sem esforço. Tinha uma «figura fantástica»; prendia as tranças no topo da cabeça, qual coroa; não tinha muitas roupas (as mulheres usavam as roupas umas das outras para terem mais variedade), mas tudo o que usava lhe ficava bem, sobretudo uma blusa com folhos que lhe assentava «como se tivesse saído de um armário cheio». A ideia de «lar» parecia muito cara a Raisa, porventura devido à infância nómada passada no caminho-de-ferro siberiano. Isso estendia-se à vontade de cozinhar para ela e para as colegas de quarto, em vez de dependerem da comida da cantina, pelo que, a dada altura, decidiram fazer as suas compras e preparar refeições na cozinha comunitária. Todavia, a experiência não durou muito tempo devido à tradição do dormitório que as obrigava a partilhar a comida que tivessem com os colegas.



Raisa Titarenko,
mais tarde esposa
de Gorbachev,
durante o primeiro ano
na Universidade
de Moscovo, 1949.